

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

PEDRO ABELIN

**Apropriação da internet pelo movimento estudantil chileno: um estudo de
caso das práticas digitais nas mobilizações do Chile**

**Brasília
2016**

Pedro Abelin

Apropriação da internet pelo movimento estudantil chileno: um estudo de caso
das práticas digitais nas mobilizações do Chile

Monografia apresentada ao Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Ciência Política.

Orientadora: Marisa von Bülow
Examinadora: Debora Rezende

Brasília

2016

Pedro Abelin

Apropriação da internet pelo movimento estudantil chileno: um estudo de caso
das práticas digitais nas mobilizações do Chile

Monografia apresentada ao Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Ciência Política.

Orientadora: Marisa von Bülow

Avaliado em: __/__/2016

Aprovado em: __/__/2016

Marisa von Bülow (IPOL/UnB)

Examinadora (IPOL/UnB)

AGRADECIMENTOS

À professora Marisa von Bülow, minha orientadora desde o início de graduação, primordial na minha formação pessoal e de concepção de mundo. Desejo que continue obtendo sucesso em sua trajetória acadêmica e, principalmente, despertando o idealismo nesta juventude.

A Luiz Vilaça, que, mais do que parceiro de trabalho, foi meu mentor e amigo. Espero que nossos caminhos ainda se cruzem nessa jornada.

A Vinicius Januzzi. Sua amizade é o grande legado de minha graduação.

A Matheus, Gustavo, João Lucas e Lucas, por participarem dos melhores momentos de minha vida.

À Luiza, Guilherme, Paloma e Tatiana. Companheiros para toda vida, meus melhores amigos.

Aos meus pais, Angela e Eduardo, sempre. Horizontes de vida e responsáveis por este momento.

Aos estudantes, educadores e educadoras, e mais todas as pessoas que lutam bravamente por uma educação libertadora, justa e de qualidade neste país de tantas contradições. Seguiremos resistindo.

À Universidade de Brasília, instituição que me formou. Tenho a sensação de que nos reencontraremos em breve.

*De nuestros miedos nacen nuestros corajes y en
nuestras dudas viven nuestras certezas.*

*Los sueños anuncian otra realidad posible y los
delirios outra razón*

*En los extraviados nos esperan hallazgos, porque es
preciso perderse para volver a encontrarse.*

(Eduardo Galeano)

RESUMO

Este artigo procura contribuir para o debate do ativismo digital ao analisar o uso das redes sociais virtuais por organizações estudantis chilenas entre os anos de 2011 e 2016. Pretendeu-se compreender a variedade de práticas digitais observadas a partir das *fanpages* do Facebook de três federações protagonistas do movimento estudantil chileno: a Federação de Estudantes da Universidade de Chile (FECh), a Federação de Estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Chile (FEUC); e a Federação de Estudantes da Universidade de Santiago (FEUSACH). Realizou-se análise de conteúdo de postagens das federações no Facebook por meio do software de análise de dados NVivo. A utilização das novas mídias sociais virtuais contribuiu para a diversificação dos repertórios de ação coletiva do movimento estudantil chileno e o Facebook se mostrou primordial no diálogo entre a sociedade civil, a burocracia e as organizações estudantis, que concebem a ferramenta como fundamental na sua estratégia discursiva. O processo de apropriação e utilização das plataformas digitais pelas federações chilenas, contudo, foi marcado por constante aprendizagem e por assimetrias de poder – simbólicas e econômicas - previamente instituídas, percebendo-se uma “institucionalização” e profissionalização do uso dessas plataformas.

Palavras-chave: Chile; Movimentos Sociais; Redes Sociais; Facebook; Relações de poder

ABSTRACT

This article aims to contribute to the debate on digital activism by analyzing the use of virtual social networks by Chilean student organizations between the years 2011 and 2016. The research intended to understand the variety of digital practices observed ON Facebook fanpages from three main federations of the Chilean student movement: the Federation of Students of the University of Chile (FECh), the Federation of Students of the Pontifical Catholic University of Chile (FEUC); and the Federation of Students of the University of Santiago (FEUSACH). Content analysis of Facebook federations' postings was done through NVivo data analysis software. The use of new virtual social media has contributed to the diversification of the collective action repertoires of the Chilean student movement and Facebook was essential in the dialogue between the civil society, the bureaucracy and student organizations. Student organizations understand the tool as fundamental in its discursive strategy. The process of appropriation and use of digital platforms by the Chilean federations, however, was marked by constant learning and asymmetries of power - economic and symbolic - previously instituted. Therefore, it is possible to observe "institutionalization" and professionalization of the use of these platforms.

Keywords: Chile; Social Movements; Facebook; Social Networks; Relations of power

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Uso da internet pelas federações de estudantes do Chile (Maio/2016)	23
Gráfico 1 – Postagens do Facebook por Federações de Estudantes (2011-2016) (%)	24
Gráfico 2 – Número de seguidores de fanpages do Facebook das Federações estudantis (setembro de 2016)	25
Tabela 2 – Número de postagens por federação durante as semanas de protesto no Chile e média por semana (2011-2013)	28
Gráfico 3 – Estilo de postagens FECh, FEUC e FEUSACH (2016)	32
Gráfico 4 – Postagens em Semanas de Protesto (2011-2013): FECh e FEUC	33
Tabela 3 – Análise de conteúdo das fanpages da FECH e da FEUC (2011-2013)	36
Gráfico 5 – % de Publicações da FEUSACH e de outros usuários	41
Tabela 4 – Análise de conteúdo da fanpage da FEUSACH no ano de 2016	42
Tabela 5 – Conteúdo do nó outros	43
Figura 1 – Nuvem de palavras da FEUSACH no Facebook	45

SUMÁRIO

Introdução	10
Processos de incorporação das plataformas de redes sociais e organizações sociais	13
O cenário chileno	15
O movimento estudantil chileno	17
História política, capital simbólico e protagonismo no movimento estudantil chileno	20
Relações de poder no uso do Facebook	23
Declínio do Twitter e consolidação do Facebook	29
A importância dos recursos e da história política	30
Diferenças nas práticas digitais pelo movimento estudantil	34
FEUSACH: consolidação de seu protagonismo	39
Considerações Finais	47
Referências bibliográficas	51

Introdução¹

Existe uma crescente literatura acadêmica que busca analisar a relação entre internet e ação coletiva, e sobre a forma como os jovens utilizam as novas tecnologias digitais. Neste contexto, pesquisadores vêm se dedicando a entender como plataformas digitais operam no ativismo político e nos movimentos sociais (ver, por exemplo, Bennett e Sergerberg, 2013). Parte significativa dos estudos nessa área vem ressaltando o potencial da internet de horizontalizar as relações entre atores e organizações, como argumenta Castells (2013) ao estudar o caso do Occupy Wall Street e as mobilizações que ficaram conhecidas como Primavera Árabe. Além disso, é percebido um debate intenso e controverso entre os pesquisadores sobre os efeitos que as novas tecnologias têm nas organizações e no próprio ativismo político em geral, como em relação ao movimento estudantil chileno e às mobilizações no Oriente Médio (Barassie, Tréré, 2012; Gerbaudo, 2012; 2016; von Bülow, 2016; von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016).

Em princípio, como argumentam Vilaça, von Bülowe Abelin (2015), a discussão a respeito dos efeitos da internet na ação coletiva foi pautado por uma polarização entre duas diferentes abordagens normativas. Se, por um lado, existiam os mais otimistas, que apresentavam uma crença no potencial horizontalizador que a internet possui de ressignificar a democracia (ver, entre outros, Benkler, 2006; Papacharissi, 2002) e as potencialidades que as mídias sociais podem trazer para a dinâmica dos movimentos sociais (Van Laers e Van Aelst, 2010; Bimber et al, 2005, Bennet, Segerberg, 2012), outros autores demonstravam mais ceticismo quanto às possíveis relações entre as novas tendências organizativas dos movimentos sociais, apontando para a reprodução da desigualdade social no espaço virtual (Schlozman et al 2010) ou argumentando que a intensificação e diversificação do uso da internet não significa um aumento no ativismo político (Bimber, 1998; Ayres, 1999). Dessa forma, Valenzuela (2012) classifica as diferentes correntes de *cyberotimistae cyberpessimista* (Valenzuela, 2012).

Apesar desse debate, é inegável a importância que as novas tecnologias de informação e comunicação têm na participação política. Como argumentam Bennett e Sergerberg (2013), essas novas tecnologias vêm alterando estruturalmente os movimentos, reinventando e desenvolvendo novos padrões organizacionais. Recentemente, contudo, tem ganhado força

¹ Partes desta monografia de graduação está baseada em um esforço de pesquisa coletivo, que conta com a participação de Marisa von Bülow e Luiz Vilaça (ver von Bülow, 2016; Vilaça, von Bülow e Abelin 2015; von Bülow, Vilaça e Abelin 2016).

(entre outros, ver Boulianne, 2009; Van Laer, Van Aeslt, 2010; Pavan et al, 2011) a tese que a internet deve ser concebida como arena multidimensional, heterogênea e difusa, e que apresenta resultados distintos em relação à capacidade de mobilização e organização de ações coletivas nos diferentes contextos analisados.

Neste cenário, os estudos sobre plataformas de redes sociais, em especial o uso do Facebook, a rede social virtual que possui a maior quantidade de usuários, se tornam de suma importância. O Facebook – que trouxe inúmeras inovações no que diz respeito às ferramentas digitais e ao modo como o usuário interage com a internet -pode ser classificado como uma ferramenta que faz parte da chamada Web 2.0.²

A literatura sobre internet e ativismo aponta para uma grande alternância e transformação nas práticas digitais. Como apontam Von Bülow, Vilaça e Abelin, em determinadas ocasiões, as plataformas de mídias sociais são instrumentalizadas com o intuito de chamar e organizar manifestações e protestos (Harlow, 2011; Earl et al., 2013; Cabalin, 2014), quando, em outros casos, as plataformas são utilizadas para dar início a campanhas on-line e para dar suporte as práticas off-line de organizações. (Earl e Kimport, 2008). Também é percebido que as práticas digitais podem não variar linearmente por meio do tempo. Barassi e Treré (2012), ao estudar o movimento estudantil italiano, demonstram que, em diversas ocasiões, os atores utilizam plataformas que são típicas da Web 2.0 (O'Reilly 2005) como se ainda estivessem na era Web 1.0. Dessa forma, nota-se que, mesmo que a literatura apresente um mosaico de práticas

2 De modo geral, pode-se falar que o Facebook faz parte de uma nova onda da internet, chamada de Web 2.0, que trouxe diversas inovações em relação às ferramentas de comunicação digitais. Como lembra Chadwick (2010), a Web 2.0 é baseada na exuberância informacional – isto é, a produção e o compartilhamento, em grande escala, de diversos tipos de conteúdos – e na desagregação do processo de criação de informações públicas. Em outras palavras, os processos comunicativos um-para-muitos (*one-to-many*) foram dando lugar às conexões de muitos-para-muitos (*many-to-many*), o que permite o surgimento de novas possibilidades para o ativismo político (Hanrath e Leggewie, 2013). As redes sociais virtuais típicas da Web 2.0 são definidas por Boyd e Ellison (2008, p. 211) como “[...] serviços da web que permitem que indivíduos (1) construam um perfil público ou semi-público dentro de um sistema, (2) articulem uma lista de outros usuários com quem eles compartilham uma conexão, e (3) vejam e cruzem sua lista de contatos e as feitas por outros usuários dentro do sistema”. Acreditamos, contudo, que as redes sociais extrapolam essa definição na medida em que constituem espaços políticos, permeados por relações de poder, onde estão em disputa uma série de atores que buscam visibilidade. É importante lembrar, desse modo, que as interações nessas mídias podem acabar reproduzindo assimetrias sociais (Schlozman et al, 2010). Além disso, é cada vez mais difícil estabelecer conceitos com fronteiras bem definidas do que constituem as redes sociais, devido às constantes transformações que essas plataformas apresentam ao longo do tempo. As arquiteturas do Twitter, e, em especial, do Facebook, mudaram significativamente nos últimos anos, possibilitando novos tipos de interações entre os usuários e entre os usuários e entre organizações e usuários, e ao mesmo tempo limitando essa interação por meio dos algoritmos de seleção de notícias (Vilaça, Von Bülow, Abelin, 2015).

digitais, ainda existe uma lacuna nos estudos comparativos que elucidem o porquê de atores envolvidos em cenários políticos semelhantes se utilizem de práticas digitais distintas.

Este trabalho se baseia no argumento desenvolvido no artigo “Varieties of Digital Practices: students and mobilization in Chile” (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016). A variação de práticas digitais entre organizações de movimentos sociais está intimamente ligada a respostas estratégicas dadas pelos atores em cenários específicos, mas, principalmente, pode ser compreendida a partir das assimetrias de recursos – financeiros e simbólicos – disponíveis, assim como pelas diferenças de identidades e papéis históricos e políticos.

O presente trabalho, se apoiando nessa literatura emergente, contribui para o debate do ativismo digital ao analisar o uso das redes sociais virtuais por organizações estudantis chilenas entre os anos de 2011 e 2016 – um ciclo de grande mobilização e discussão por todo o país a respeito de uma reforma educacional (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016).

O propósito primordial deste trabalho é analisar o processo de apropriação das mídias sociais por organizações formais tradicionais (48 federações chilenas). Sendo assim, pretende-se compreender a variedade de práticas digitais observadas a partir das *fanpages* do Facebook – que é a mídia social virtual mais utilizada pelo movimento estudantil chileno³.

Apesar de possuírem semelhanças no que diz respeito à história, relevância política e recursos financeiros, como Lobos Roco aponta, as práticas digitais da FECh e a FEUC ainda apresentam importantes diferenças (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016). Escolheu-se um período de cinco anos (2011 a 2016) para investigação de diversidades de práticas digitais e para perceber como elas operam ao longo do tempo. Selecionamos as páginas oficiais no Facebook de três organizações: a Federação de Estudantes da Universidade de Chile (FECh), a Federação de Estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Chile (FEUC); e a Federação de Estudantes da Universidade de Santiago (FEUSACH) - protagonistas das disputas e das mobilizações no contexto estudantil chileno e no conturbado cenário político do país. De acordo com a análise empírica realizada estas foram as organizações que usaram suas *fanpages* de forma mais eficiente.

Em diversos casos na literatura, o Facebook é apontado como uma ferramenta-chave para o ativismo político. Treré e Cargnelutti (2014), ao estudar o “Movimento pela Paz, Justiça e

³ ³ Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>>. Acesso em 10 nov. 2016.

Dignidade”, no México, concebem o Facebook como peça-chave para o ativismo político devido à divulgação de informação de *fanpages*. Adamoli (2012), ao estudar o “Rally for the right to know”, movimento nos Estados Unidos da América que luta pela conscientização sobre alimentos geneticamente modificados e contra o aumento do monopólio das multinacionais de agricultura e biotecnologia sobre os alimentos, indica que o Facebook se mostrou fundamental para mobilizar as pessoas a ingressarem nas marchas, assim como promoveu a emergência de novas lideranças. (Vilaça, von Bülow, Abelin, 2015)

O fundamento empírico do presente trabalho é baseado na análise de conteúdo de postagens pelas Federações no Facebook e dados quantitativos sobre a utilização das *fanpages* em um período de quase seis anos. A partir da ferramenta NCapture, foram coletados dados para a análise de conteúdo realizada no NVivo – software de análise de dados.

Processos de incorporação das plataformas de redes sociais e organizações sociais

A função exercida pelas organizações nos movimentos sociais é alvo de ceticismo e questionamento nas teorias dos movimentos sociais. O modelo que evidenciava a importância dos recursos nas organizações (McCarthy, Zald, 1977) – a reboque da abordagem de mobilização de recursos – expunha que os movimentos sociais necessitavam de organizações eficazes e competentes capazes de reunir recursos e dirigir os processos de organização. O alargamento da compreensão dos papéis exercidos pelas organizações também foi concebido por outras teorias, como a noção de que as organizações refletem e endossam uma identidade coletiva no interior dos movimentos sociais (ver, entre outros, Clemens, 2010; Gamson, 1996; Melucci, 1996) (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016).

O advento das tecnologias digitais e o consequente surgimento das plataformas de mídia social trouxeram uma nova abordagem nas discussões sobre os papéis exercidos pelas organizações. Por exemplo, nota-se a ênfase no caráter horizontal organizacional e a tendência de rejeição da burocratização e da liderança em trabalhos sobre os *Indignados*, o *Occupy Wall Street* e os da chamada Primavera Árabe (ver Castells, 2013; Shirky, 2011).

Uma parcela da literatura, contudo, questiona essa concepção no que diz respeito aos papéis exercidos pelas organizações formais no ativismo e pela sua capacidade de remanescer à eclosão das tecnologias digitais. Enquanto que, em parte da literatura, afirma-se que estamos

lidando com fenômenos de ação coletiva que “[...] não reconhecem nenhum tipo de liderança e rejeitam todo tipo de organização formal” (Castells, 2013, p. 12), Flanagin et al (2005, p. 33) afirma que “[...] muitas dessas formas [...]” novas “[...] não são necessariamente novas. Conforme Bennett e Segerberg (2013), as plataformas da Internet nos apresentaram o surgimento de diferentes lógicas de mobilização e organização - que eles chamam de "A Lógica da Ação Conectiva" (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016)

Mais recentemente, Bennett et al (2014, p. 253) argumentaram que “[...] um enigma é que mesmo quando os participantes rejeitam organizações e as condições limitadas convencionalmente associadas à capacidade organizacional, algumas redes em larga escala parecem exibir uma organização coerente apesar do refluxo E fluxo de participação em termos personalizados”. Dessa forma, assim como argumentam von Bülow, Vilaça e Abelin (2016), é necessário se concentrar “[...] em mecanismos que desenvolvam a capacidade organizacional [...]” (p. 253), a fim de formular “[...] análises conceituais e empíricas focalizadas dessas formas organizacionais, juntamente com o desenvolvimento de padrões adequados para compará-las e determinar como eles se combinam e chocam com outras formas de ação coletiva” (p. 254).

Em convergência com o que propõem von Bülow, Vilaça e Abelin (2016), é necessário analisar como as organizações se apropriam das tecnologias digitais, o porquê de elas poderem se apropriar de diversos modos distintos, e quais são os efeitos das práticas digitais nas dinâmicas internas das organizações. Essa discussão se mostra mais urgente do que debater se as organizações ainda são relevantes ou não.

O cenário chileno

O atual sistema educacional chileno foi arquitetado na década de 1980 pela ditadura militar. Desenvolvido com base no cânone do liberalismo econômico, o sistema educacional chileno

sofreu transformações profundas no período ditatorial visando privilegiar uma ampla participação do setor privado no fornecimento de serviços da educação. Criou-se um modelo de financiamento estatal compartilhado de escolas públicas e privadas⁴ do ensino fundamental e médio, as quais cobram mensalidade de seus alunos, ambas sendo subsidiadas pelo estado (Von Bülow e García, 2015).

Na década de 70, o sistema educacional chileno, que anteriormente dispunha de gratuidade e de escolas públicas em todos os seus níveis, foi privatizado a reboque de políticas neoliberais da ditadura de Pinochet. O Chile não mais oferece universidade de ensino gratuito, o que acarretou em uma crescente elitização das escolas e das instituições de ensino superior no país. Como indicam von Bülow e Bidegain (2015, p. 179-184), os estudantes de escolas particulares possuem possibilidades maiores de ingressarem nas melhores universidades do Chile, segundo as estatísticas de acesso às instituições do ensino superior.

Além disso, os altos juros cobrados pelos bancos³ ocasionaram rápido crescimento dos níveis de endividamento das classes médias e baixas, junto ao aumento do acesso ao ensino superior público devido às políticas dos governos posteriores à ditadura (Vilaça, Von Bülow, Abelin, 2015)⁵.

De acordo com o relatório “El derecho a la educación: una mirada comparativa Argentina, Uruguay, Chile y Finlândia”, da UNESCO⁴, o sistema educacional chileno promove a exclusão e a desigualdade. O estudo, realizado em 2011, foi conduzido por Vernor Muñoz - então relator especial da ONU sobre direitos da educação - e traçou um quadro comparativo das legislações educacionais da Argentina, Chile, Finlândia e Uruguai, com ênfase no Chile. O relatório concluiu que o sistema de educação chileno é pautado pela privatização, resultando em segregação e exclusão, que vêm a reboque de mecanismos seletivos (Muñoz, 2011).

Como explica Muñoz (2011, p. 43, tradução livre),

³ Salinas e Fraser lembram que o sistema de privatização do Chile foi acompanhado de um aumento significativo no custo das mensalidades dos estudos. De acordo com os autores, em 2011, 85% do investimento geral em educação no país veio diretamente das famílias, enquanto os fundos públicos cobriram apenas 15% (Salinas e Fraser, 2012, p. 20) (Vilaça, von Bülow, Abelin, 2015).

⁴Disponível em: <<http://portal.unesco.org/geography/en/files/15017/13548014291Estudio-comparativo-UNESCO-vernor-munoz-espanol.pdf/Estudio-comparativo-UNESCO-vernor-munoz-espanol.pdf>>. Acesso em 06 ago. 2015.

⁵ De acordo com as pesquisas de opinião realizadas pelo Centro de Estudios Públicos (CEP), no final de 2011 mais de 60% dos entrevistados apoiavam as manifestações organizadas pelos estudantes. Acesso em: 30 set. 2015. Disponível em: <www.cep.chile.cl>. Acesso em: 06 dez. 2016.

Estes tipos de sistemas se sustentam primariamente na ideia de proteger a iniciativa privada na criação de Centros Educativos, excluindo o conceito de educação como bem público, de modo que disputas e controvérsias relativas a este sistema geralmente girem em torno de argumentos econômicos, afastando-se do significado do direito à educação.

A expansão do endividamento das famílias chilenas está intimamente associada ao expressivo apoio popular que as mobilizações estudantis recebem já no ano de 2011. Para conseguir este apoio massivo⁵, contudo, o movimento estudantil também precisou adotar o enquadramento discursivo do endividamento das famílias chilenas. Essa decisão foi resultado de amplo e tenso debate interno ao movimento, pois setores do movimento estudantil acreditavam que esse tipo de enquadramento se tratava de um recuo ideológico e possível desvio de pauta. Entretanto, foi por meio dessa estratégia que o movimento estudantil pôde afirmar que a insatisfação não era apenas dos estudantes, mas das famílias chilenas. E, conseqüentemente, a luta passou a ser uma luta da população chilena.

De acordo com Silva e Johnson (2013), o modelo liberal chileno radicalizou a política de mercantilização das esferas sociais, capturando o Estado e estabelecendo uma profunda submissão dos interesses privados sobre o público. Os autores demonstram que quando não houve uma privatização plena dos serviços públicos, eles são geridos por essa visão. Por exemplo, 39% dos chilenos não possuem nenhuma forma de seguridade social e as que existem são privadas e de baixa remuneração. (Silva, Johnson, 2013, p.207; Krugman, 2004)

Também se nota uma voraz desigualdade no Chile, com seus índices de desigualdade tendo se aprofundado entre 1990 e 2003, quando os 20% mais ricos concentraram a média de 55% da renda total do país, na medida em que os 20% mais pobres têm acesso a somente 4,7% da renda do país. (Silva, Johnson, 2013, p. 208). As imensas contradições chilenas também são evidenciadas quando Silva e Johnson expõem que os 10% mais ricos do país concentram 27 vezes a renda dos 10% mais pobres, enquanto os 5% mais ricos recebem mais de 830 vezes a renda dos 5 % mais pobres. (Silva e Johnson, 2013 p.208, baseado em dados da Comissão Europeia, 2013)

O movimento estudantil chileno

O movimento estudantil chileno apresenta uma estrutura tradicional e hierarquizada de organização (von Bülow, García, 2013). É composto por associações de base, representando

universidades e colégios. Cada universidade - pública e privada - possui sua organização estudantil, chamadas de federações de estudantes e compostas por representantes eleitos. Nota-se que as federações universitárias chilenas se assemelham à estrutura dos diretórios centrais das universidades brasileiras. Essas federações de estudantes - protagonistas de mobilizações históricas do país - pautam importantes debates políticos e disputas no país, como as mobilizações pela reforma educacional do Chile. Ainda que exista uma organização que reúna todas as federações estudantis chilenas –a Confederação Nacional de Estudantes do Chile (Confech)⁶ -, que é composta por mais de 50 federações de estudantes universitários - os atores organizacionais mais relevantes e engenhosos politicamente são as federações (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016).

A Confech opera como assembleia de líderes das federações que se encontram regularmente. Seus porta-vozes são eleitos por mandatos de um ano entre os presidentes das federações – que são escolhidos por voto direto nas universidades. Entretanto, as eleições nas universidades são frequentemente pautadas por amplas polêmicas devido à existência de diversas tendências, grupos informais e coletivos que, compostos por anarquistas, autonomistas, socialistas, comunistas, capitalistas e outras diversas correntes conservadoras, disputam de forma árdua, e, às vezes feroz, a direção das federações e conseqüentemente, da Confech (Mella; Ríos; Rivera et al 2016). A Confech não possui orçamento próprio, pessoal dedicado ou escritórios nacionais, e sua página no Facebook possui hoje mais de 42 mil curtidas⁶, mesmo que a última postagem seja referente a junho de 2011 (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016)⁶.

Von Bülow e García (2015) indicam, contudo, a existência de importantes diferenças com estes movimentos. Segundo os autores, parte considerável da literatura endossa a natureza horizontal e espontânea desses movimentos – *Occupy Wall Street* e as manifestações conhecidas como Primavera Árabe—e exalta o fato de a internet estar intimamente associada à eclosão de novos e variados estilos de ação coletiva – rejeitando lideranças e tomando decisões menos hierárquicas (ver, por exemplo, Castells, 2013; Khondker, 2011).

Todavia, o caso chileno se mostra diferente quando se percebe que o movimento estudantil chileno é bastante anterior à eclosão da internet e das mídias sociais, além de se estruturar de forma hierárquica e burocratizada. O movimento estudantil chileno não opera de maneira

⁶ Dados retirados da página da Confech no Facebook em 10 nov. 2016. Disponível em <<https://www.facebook.com/grupoconfech/?fref=ts>>.

espontânea e horizontal, mas apresenta lideranças definidas que atuam como protagonistas nas mobilizações e na interlocução com a imprensa e sociedade civil (von Bülow, García, 2015). Os autores também apontam relevante diferença no repertório dos movimentos sociais e expõem que, no caso do movimento *Occupy Wall Street* e nas mobilizações da Primavera Árabe, os meios de comunicação foram instrumentalizados de modo mais amplo que no movimento estudantil chileno – operando no cânone da comunicação e coordenação desses movimentos. No caso chileno, as mídias sociais virtuais atuam como complemento dentre uma variedade de formas de ativismo (von Bülow, García, 2015), como repertórios tradicionais e ocupação de prédios públicos e manifestações de rua, aliado às plataformas digitais para mobilização dos estudantes e interação com o próprio sistema político (Vilaça, von Bülow, Abelin, 2015)

Antes do atual ciclo de mobilizações, iniciado em 2011, houve um grande ciclo de mobilizações no ano de 2006. Conhecidos como “A Revolução dos Pinguins” – devido à utilização de uniformes em preto-e-branco utilizados pelos estudantes – diversos protestos foram liderados por estudantes secundaristas. (Vilaça, von Bülow, Abelin, 2015). Já nesse período, a internet apresentou função essencial nas mobilizações, principalmente por meio do Fotolog, que era a plataforma de rede social mais utilizada por estudantes na época. (García et al., 2013). De acordo com Valderrama (2013, p.133), as ferramentas da web eram instrumentalizadas para coordenar o movimento e compartilhar informações e para ressignificação e concepção de novas maneiras da própria participação política. Muitos estudantes que participaram da “Revolução dos Pinguins”, em 2006, já frequentavam as universidades quando despontaram as mobilizações de 2011. (Vilaça, von Bülow, Abelin, 2015)

No entanto, as raízes deste movimento podem ser vistas na década de 1990, com a rearticulação de setores da esquerda extraparlamentar, principalmente do movimento estudantil (Sola-Morales, Rivera Gallardo, 2015). Essa rearticulação tardia pode ser creditada ao sistemático processo de desintegração e extermínio que foi imprimido à esquerda por práticas de terrorismo de Estado na ditadura de Pinochet (Rebolledo, 2012) e a uma hegemonia neoliberal que edificou uma sociedade pautada em créditos (Ruiz, Boccoardo, 2013), naturalizando uma sociedade desigual (Sola-Morales, Rivera Gallardo, 2015). Esse processo apresenta diversos momentos paradigmáticos que resultam nas mobilizações e no contexto político contemporâneo do Chile. De acordo com Sola-Morales e Rivera, o primeiro

momento chave foi quando do princípio das manifestações de rua, que se tornaram mais visíveis no início dos anos 2000. O segundo momento foi a mobilização de estudantes secundaristas no ano de 2006. O ano de 2011 é o resultado do acúmulo de forças de diversos momentos de mobilizações e do enfrentamento por parte dos estudantes, provocando enorme repercussão na sociedade chilena e provocando questionamentos a respeito da legitimidade do sistema (Sola-Morales, Rivera Gallardo, 2015).

De acordo com Von Bülow e García (2015), em princípio, os protestos de 2011 aconteceram devido ao atraso no pagamento de bolsas universitárias. Entretanto, as manifestações ganharam proporções maiores e conquistaram apoio da população, sendo assim, o movimento expandiu o seu quadro de ação coletiva - do endividamento das famílias chilenas e atrasos de bolsas universitárias à exigência de uma reforma estrutural e profunda de todo o sistema educacional chileno - que resultasse em um ensino gratuito e democrático, maior investimento na educação, inclusão constitucional da educação como direito básico e o fim do lucro nas instituições de ensino superior (García et al, 2013).

Como expõem Von Bülow e García (2015), nas mobilizações de 2011 a 2013 os manifestantes aliaram velhos repertórios de ação, como ocupações de escola e protestos de ruas, a repertórios de mobilização *online*. As federações chilenas empenharam-se em amplificar o alcance do seu discurso e torná-lo mais acessível, por meio das plataformas da internet, como o Facebook e o Twitter (Von Bülow e García, 2015). Os autores argumentam que o movimento estudantil absorveu a utilização de ferramentas virtuais com a intenção de diversificar seu repertório de ação e não o substituir. A tomada de decisões, contudo, permanece como atividade *off-line*, por meio de assembleias e reuniões presenciais. Esse processo vai de encontro ao pensamento de Castells (2005), que propõe que as novas mídias sociais virtuais favorecem e diversificam novas experiências nas tradicionais redes de organização social (em partidos, sindicatos e grêmios estudantis, por exemplo). Os alunos também realizaram greves de fome e *flash mobs*. De acordo com a recente postagem no Facebook, em 13 de junho de 2016, 35 universidades e 105 escolas secundárias foram ocupadas por estudantes⁷(Vilaça, von Bülow, Abelin, 2015).

⁷ Dados retirados de:
<<https://www.facebook.com/LaEducacionEnCrisis/photos/a.1630098447230860.1073741830.1624126297828075/1751171798456857/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

No presente trabalho, mesmo que se enfoquem as práticas digitais das Federações de Estudantes Universitários, é necessário ressaltar que o movimento estudantil é um corpo amplo e bastante complexo de indivíduos e grupos – formais e informais – que atuam em diversos espaços, como escolas secundárias, faculdades técnicas e Universidades (von Büllow, Vilaça, Abelin, 2016).

História política, capital simbólico e protagonismo no movimento estudantil chileno

A construção de organismos representativos no movimento estudantil chileno remete ao início do século XX. A primeira organização de representação estudantil é edificada no ano de 1906, com a criação da Federação de Estudantes da Universidade de Chile – FECh (Rocco, 2014, p.161). A organização extrapolava questões universitárias e pautava lutas pela educação e saúde da classe trabalhadora, já dando indícios do próprio protagonismo e influência cultural que a FECh teria nas disputas da sociedade chilena.

O ano de 1938 é marcado pela fundação da Federação de Estudantes da Universidade Católica – FEUC, quando a elite de estudantes católicos da Universidade Católica – a reboque do pensamento social-cristão – criou a segunda federação estudantil com maior influência política no Chile (Rocco, 2014, p.161). Rocco evidencia o protagonismo que essas duas federações estudantis tiveram ao longo de grande parte do século XX, incluindo em suas agendas questões do “âmbito social”, como a defesa de pautas ligadas à classe trabalhadora, mas também promovendo reformas universitárias, e fundando tendências, grupos e partidos políticos que participavam do debate público nacional do Chile. (Rocco 2014)

A ditadura civil-militar no Chile operou para desarticular violentamente a sociedade civil organizada do país – desde partidos políticos a organizações estudantis (Rocco 2014. p.158). De acordo com o autor, apesar desse processo de aniquilamento – feito por meio da intervenção nas universidades, proibição de organizações civis, prisão e desaparecimento de líderes políticos -alguns grupos conseguiram se reorganizar na década de 1980 dentro do universo dos movimentos sociais. Rocco também expõe o protagonismo que organizações como a Federação de Estudantes da Universidade de Chile e a Federação de Estudantes da Universidade Católica adquiriram na formação de elites políticas. Em uma transição política conservadora e pautada por mecanismos que impediam o acesso às esferas decisórias de poder

por setores populares, as organizações civis eram desarticuladas e abriam caminho para a ascensão de integrantes da elite da sociedade civil – com ingresso no nível superior – para as posições de poder político (Delamaza, 2013). Em um cenário de redemocratização com eleições livres e de reconfiguração do sistema partidário, os partidos políticos obtiveram grande controle na escolha de membros da elite política chilena. Rocco argumenta que esse cenário tornou mais nebulosa a relação entre a política universitária e a política nacional, fazendo menos explícita a influência das organizações estudantis na formação das elites políticas chilenas (Rocco, 2014 p.162).

Entre 1985 e 2005, 75% dos presidentes da FECh saíram da federação para a elite política, enquanto na FEUC este número chega a 55% (Rocco, 2014 p.159). Isso indica, segundo Rocco (2014), que as federações continuam a ser um espaço de formação e recrutamento de elites políticas, ainda que as trajetórias sejam distintas – de eleição a cargos públicos à influência indireta no debate político. Ainda, de acordo com Rocco (2014), FECh e FEUC alcançaram uma renovada influência no plano político nacional desde o princípio das mobilizações estudantis em 2011, o que permite vislumbrar que seus dirigentes seguirão também uma trajetória política. (Rocco, 2014 p. 181)

Sendo assim, é possível afirmar que a experiência e as redes formadas no período de comando das organizações estudantis trazem um importante capital simbólico para a futura ascensão para a carreira política de jovens dirigentes das organizações estudantis, mas também para a hegemonia política que suas federações exercerão no debate político do país, e como, argumentado a seguir, nas próprias relações de poder do ativismo virtual.

É percebida grande ausência de literatura sobre as origens da FEUSACH, terceira federação mais importante do Chile. No entanto, segundo o documento “Historia de la CONFECH y el movimiento universitario chileno en los últimos 30 años” (2016)⁸, a FEUSACH nasceu em 1981 e apenas foi reconhecida oficialmente em 1985. Acredita-se, contudo, que essa bibliografia considera a federação somente a partir de sua refundação, após a ditadura militar do Chile, pois a FEUSACH possivelmente é herdeira de outras organizações que representavam os estudantes da Universidade de Santiago, e que foram perseguidas pela ditadura do general Pinochet.

⁸ Dados retirados do anexo 2 - Historia de la CONFECH y el movimiento universitario chileno en los últimos 30 años”, em <<http://www.fepucv.cl/wp-content/uploads/2012/04/Historia-de-la-CONFECH-y-el-movimiento-universitario-chileno-en-los-%C3%BAltimos-30-a%C3%B1os.pdf>> Acesso em: 06 dez. 2016, do documento guia “Congreso Confech Marzo 2012”, em <<http://movimientoestudiantil.cl/wp-content/uploads/2015/12/2012-04-16-gui%DD%81a-congreso-confech-1.pdf>> Acesso em 06 dez. 2016.

Relações de poder no uso do Facebook

O processo de incorporação de plataformas digitais, mencionado por von Bülow, Vilaça e Abelin (2016), se realizou de maneiras distintas entre as organizações universitárias estudantis. Como os dados do presente trabalho expõem, esse processo de incorporação ocorre de maneira profundamente assimétrica. Apesar do crescimento do número de organizações que utilizam ferramentas digitais, as assimetrias permanecem através do tempo entre as federações estudantis chilenas.

Tabela 1 – Uso da internet pelas federações de estudantes do Chile (Maio/2016)

*	Usos das Plataformas	
Websites	56% (27) das Federações possuem website ou blog. Entretanto, 25% (12) estão inativos, cancelados ou sem conteúdo nos últimos dois anos	
Facebook perfis e fanpages	85% (41) possuem fanpage ou perfil	
	Facebook profiles	25% (12) das federações têm perfis, e dentre esses, cinco possuem fanpages
Twitter	81% (39) das federações possuem contas no Twitter. Dentre essas, 31% (12) existem antes de 2011. Entretanto, quase 44% (17) estão inativas (sem tweets nos últimos 4 meses).	
YouTube	Quase 48% (23) das federações possuem canal no youtube. Desses, 17% (4) foram criados antes de 2011. Entretanto, 84% (19) estão inativas em 2016.	

Fonte: von Bülow, Vilaça e Abelin (2016), com base na pesquisa de URLs oficiais, maio de 2016.

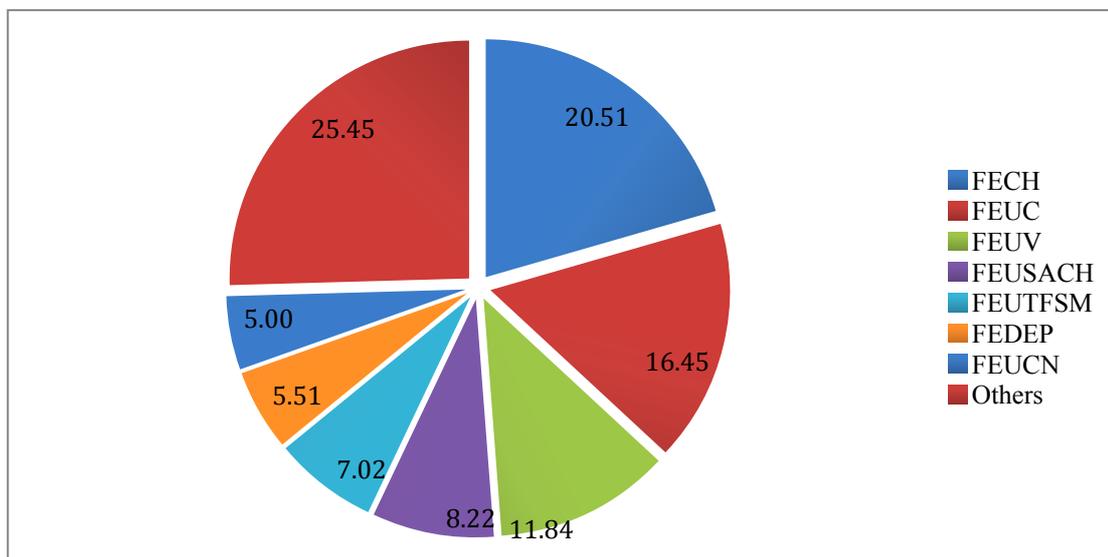
A Tabela 1 apresenta uma visão geral da presença digital de 48 federações de estudantes universitários. Os dados, contudo, apresentam um mosaico incompleto de uso da internet,

afinal, consideram apenas informações públicas disponíveis, pois não se tem acesso aos dados do Whatsapp e informações sobre grupos no Facebook fechados ou secretos, localisem que, acredita-se que ocorra maior parte do debate interno do movimento (von Bülow, Vilaça e Abelin, 2016).

A Tabela 1 indica a flutuação no uso de determinadas plataformas. A maior parte das federações chilenas manteve um endereço de site ou um blog no ano de 2016, porém, muitas dessas páginas se tornaram inativas ao longo do tempo – cumprindo uma função de armazenamento de conteúdo do movimento estudantil. O uso do Twitter e do Facebook também possui propensão parecida em relação aos últimos dois anos. Mesmo que tenha se percebido um aumento no número de contas oficiais dessas plataformas, afinal, como expõem von Bülow e García (2015), antes do ano de 2011, somente 5 federações possuíam contas no Twitter, chegando ao número de 34 federações em 2014. É percebido, contudo, que quase 44% das contas do Twitter e mais de 80% dos canais do Youtube se tornaram inativos, pois não foram utilizados entre janeiro e maio de 2016. Em entrevista, o gerente de comunicações da Federação de estudantes da Universidade de Santiago (FEUSACH)⁹ confirma a preferência do movimento estudantil chileno pelo Facebook.

Enquanto o uso do Twitter é muito limitado, são pouquíssimos caracteres [...] no Facebook é possível colocar vídeos, textos maiores, e todo mundo tem Facebook, nem todos se ocupam do Twitter

Gráfico 1 – Postagens do Facebook por Federações de Estudantes
(2011-2016) (%)

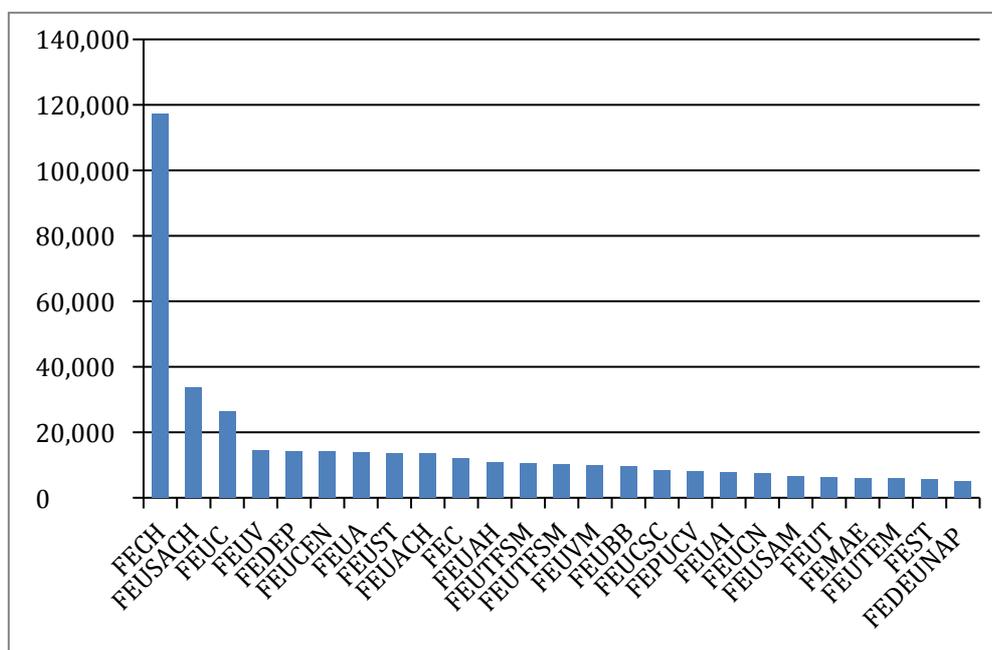


⁹ Entrevista com gerente de comunicação da FEUSACH (Santiago, 2016).

Fonte: Von Bülow, Vilaça e Abelin (2016), com base na pesquisa de URLs oficiais, maio de 2016.

Os gráficos 1 e 2 confirmam o uso assimétrico do Facebook pelas federações estudantis chilenas. Enquanto o gráfico 1 ilustra a intensidade da utilização das páginas das federações – comparando a quantidade de administradores de postagens publicadas entre janeiro de 2011 e setembro de 2016 – é percebido que apenas uma federação, a Federação de Estudantes da Universidad de Chile (FECh), foi responsável por mais de 20% do total de publicações durante este período. Também se nota que, quando somados os dados de uso da página da FECh com a página da Federação de Estudantes da Universidade Católica (FEUC), as duas federações juntam quase 37% de todas as publicações. Essa assimetria no uso do Facebook pode ser mais bem compreendida quando olhamos outro dado: a diferença no número de seguidores das páginas do Facebook de cada federação, ilustrada pelo gráfico 2.

Gráfico 2 –Número de seguidores de fanpages do Facebook das Federações estudantis (setembro de 2016)



Fonte: von Bülow, Vilaça e Abelin (2016), com base na pesquisa de URLs oficiais, maio de 2016

É evidente a grande disparidade de seguidores das páginas (gráfico 2). Quando analisados os dois gráficos, percebemos que a Federação de Estudantes da Universidade do Chile (FECh) operou como voz digital de todo o movimento estudantil (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016). Também se notam algumas mudanças ao longo do tempo, como a incorporação do uso de plataformas digitais por outras federações, porém, não é um movimento de ampla

reconfiguração no uso do Facebook pelas federações chilenas. A *fanpage* da FECh continua sendo a mais acessada, seguida pela *fanpage* da FEUSACH (Federação de Estudantes da Universidade de Santiago) e depois pela página da FEUC – as únicas com mais de mil seguidores. É importante ressaltar a geografia dessas federações: FECh, FEUSACH e FEUC se encontram na capital Santiago, cidade com mais de 5 milhões de habitantes¹⁰ e com ampla hegemonia política, econômica e cultural no Chile, país que conta com 18.220.104 habitantes, segundo dados das Organizações das Nações Unidas (ONU)¹¹. Isso significa que quase 28% da população chilena reside na área metropolitana de Santiago. De acordo com os dados do censo de 2012 do Instituto Nacional de Estatística do Chile¹², o país produziu o Produto Interno Bruto (PIB) de 228.667 milhões de dólares. Desses, 101.679 milhões de dólares são produzidos na região metropolitana de Santiago. Ou seja, aproximadamente 45% da riqueza produzida no território chileno é gerada na região metropolitana de Santiago, o que revela a face de um país profundamente desigual e uma enorme concentração de riqueza no território chileno, gerando ampla preponderância da capital sobre as outras regiões chilenas.

Quando se analisa a Tabela 2 (abaixo), que indica o número de postagens por federações nas semanas de protesto de 2011 a 2013 - um período de experimentação e concentração no uso de *fanpages*- fica evidente que, mesmo que tenha havido o surgimento de novos atores na disputa do campo da mobilização no Facebook, a FECh já operava como porta-voz virtual das organizações chilenas no ano de 2011 (Vilaça, von Bülow, Abelin, 2015)

A tônica de concentração de atividade no Facebook por parte da FECh vai se transformando ao longo do tempo. No ano de 2011, a FECh concentrava considerável parte de atividades das federações chilenas no Facebook e operava como emissora central de informações e mobilizações. Nos anos seguintes, contudo, há a presença de diversas federações que passam a compartilhar o espaço do Facebook, diminuindo um pouco a força da FECh. A Tabela 2 também expõe que o número de federações ativas cresceu muito entre 2011 e 2013. Em 2011, 6 federações estavam presentes no Facebook; em 2012 são 10 e em 2013 o número chega a 21. Esses dados demonstram a existência de três períodos diferentes. Enquanto 2011 é um período de experimentação e concentração no uso das *fanpages* pelas federações e a FECh

¹⁰ Instituto Nacional de Estatística do Chile. <<http://www.ine.cl/>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

¹¹ Dados retirados do Departamento de Economia e Assuntos Sociais da Organização das Nações Unidas em: <<https://esa.un.org/unpd/wpp/>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

¹² Dados retirados do Instituto Nacional de Estatística do Chile: <http://www.ine.cl/canales/chile_estadistico/familias/censos.php>. Acesso em: 29 nov. 2016.

opera como porta-voz do movimento estudantil no Facebook, o ano de 2012 é um momento de avanço das federações e consequente fragmentação, no qual a FEUC surge como outro ator poderoso e se torna muito ativa – ver gráfico 4 na página 33. O ano de 2013 se mostra um período de consolidação das práticas digitais, quando novas federações passam a publicar regularmente - entre 9 e 10 federações publicam dez ou mais postagens por semana de protesto -, mas as assimetrias continuam operando neste espaço, com ampla hegemonia de FECh e FEUC. (Vilaça, Von Bülow, Abelin, 2015)

Quando se analisa o número de postagens da FECh em semanas de protestos, é percebido que, em 2011, em nove das trezes semanas, a FECh publicou mais do que a média durante os 3 anos. Entretanto, em 2012 e 2013, nenhuma semana atingiu essa meta, indicando esse processo de aprendizagem em que a FECh passa a realizar menos postagens, mas com informações mais chamativas e interativas – fato que é corroborado pelo gráfico de links, vídeos e imagens, e pelas próprias entrevistas.

Tabela 2 – Número de postagens por federação durante as semanas de protesto no Chile e média por semana (2011-2013)

Semana de Protesto	12/05/11	26/05/11	01/06/11	16/06/11	23/06/11	30/06/11	14/07/11	04/08/11	18/08/11	24/08/11	22/09/11	29/09/11	18/10/11	25/04/12	16/05/12	08/08/12	28/08/12	27/09/12	11/04/13	08/05/13	28/05/13	13/06/13	26/06/13	11/07/13	05/09/13	17/10/13	Média geral
FECH	78	65	86	265	114	155	108	169	115	139	42	35	115	37	50	53	56	50	46	39	25	38	49	13	69	24	78,27
FEUC	0	16	22	18	9	19	12	21	14	8	3	7	7	161	128	274	122	175	36	12	10	14	12	6	18	23	44,12
FEUCN	0	0	0	0	0	0	0	0	17	26	46	18	35	11	22	5	17	8	15	10	18	22	26	20	43	5	14,00
FEDEP	0	0	0	0	0	0	0	0	4	30	21	32	42	11	27	23	30	20	0	2	10	9	19	10	6	3	11,50
FEUV	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	34	59	32	39	31	53	52	27	70	43	16,92
FEUSAM	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	17	21	17	34	35	36	42	31	26	18	15	10	9	11,96
FEUTFSM	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	28	17	4	22	15	15	12	14	31	26	33	21	32	10,38
FEUSACH	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	16	26	6	19	25	17	16	34	17	46	21	9	24	10,62
FEUA	0	0	0	34	67	31	24	42	16	25	0	7	21	6	4	0	0	2	6	0	0	0	0	0	4	1	11,15
FEUTEM	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	34	8	5	27	31	8	0	0	0	0	0	0	0	4,35
FEUBB	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	57	32	13	31	19	21	13	1	7,19
FEUAI	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	23	10	5	25	6	2,65
FEUCSC	6	5	7	5	7	5	0	2	4	5	9	10	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2,58
FEPUCV	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	82	5	3,62
FEULS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	12	0	0	2	0	1	3	1	0,73
FEUPLA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	7	2	2	0	0	0	1	0	1	1	0,73
FECCH	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
FEUFRO	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
FEMAE	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
FEUDLA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	11	2	0	0	0	0	8	0,81
FEC	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0,08
FEUST	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	3	0,15
FEST	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	27	5	20	3	2,12
FEUCEN	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
FEUDA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0,04
FEUV Santiago	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
FEUACH	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0,08
FEUVM	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
FEUT	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00

Fonte: Elaboração própria, com base em postagens das fanpages oficiais das federações no Facebook (coletadas utilizando o NCapture)

Declínio do Twitter e consolidação do Facebook

De acordo com as entrevistas realizadas com membros das federações chilenas, fica reforçada a narrativa do declínio do Twitter, ilustrada na grande quantidade de contas de Federações que estão inativas (Tabela 1). Segundo um membro da FEDEP (Federação de Estudantes da Universidade Diego Portales), “[...] o Twitter teve seu auge há dois anos. Naquele período, até programas de TV eram baseados no que era dito no Twitter. Olhar para o número de *trending topics* se tornou a nova maneira de se ler o ranking de audiências. Hoje em dia não funciona mais assim”¹³.

O responsável pela área de comunicação da FECh (Federação de Estudantes da Universidade do Chile) argumenta na mesma linha: a equipe da FECh voltou sua atenção principalmente para o Facebook, afinal, segundo o entrevistado, “[...] a conexão mais forte com a base do movimento funciona através do Facebook[...] os alunos se informam através do Facebook”¹⁴. Como argumentam von Bülow e Garcia (2015), em 2011, apenas seis federações tinham *fanpages* ativas, mas esse número cresceu para 31 em 2014 e 34 em 2016.

Apesar destes números e do consenso que emergiu nas entrevistas e nos grupos de discussão sobre a relevância do Facebook, uma análise das práticas digitais mostra que, mesmo dentro desta plataforma de mídia social, os usos por federações são altamente heterogêneos. Em meados de 2016, 30% das federações não tinham uma *fanpage* oficial. Além disso, mais de 40% das páginas que existiam tinham menos de mil seguidores, indicando uma capacidade de alcance muito limitada (ver Tabela 1).

A importância dos recursos e da história política

¹³ Entrevista com o gerente de comunicação da FEDEP (Santiago, 2016).

¹⁴Entrevista com o gerente de comunicação da FECh (Santiago, 2016).

Considerando que as federações possuem distribuição de recursos deveras assimétrica e uma história política que se configura de maneira bastante distinta, os resultados até então apresentados neste trabalho podem não parecer surpreendentes. A FECh é a federação mais antiga e poderosa do Chile, em termos de recursos e visibilidade política (Cabalin, 2014), e a Universidade de Chile – à qual a FECh pertence – é a maior e mais importante universidade pública do país. Da mesma forma, a Universidade Católica – à qual a FEUC pertence – é a universidade privada mais importante do Chile. Tanto a FECh como a FEUC historicamente foram berços de novos movimentos políticos, bem como espaços-chave para o recrutamento das elites políticas do país (Lobos Roco, 2014). A FEUC teve, até maio deste ano, a segunda página de fãs no Facebook mais acessada no Chile. Desde então tem sido superada pela da FEUSACH.

As entrevistas confirmaram que as assimetrias de recursos desempenham um papel fundamental na forma como as diferentes federações se apropriam das plataformas digitais. Por exemplo, o gerente de mídia social da Federação de Estudantes da Universidade Diego Portales (FEDEP), outra importante universidade privada de Santiago, aponta diferenças nos recursos humanos, alegando que tanto a FEUC como a FECh “[...] têm muito mais recursos. A FEUC tem seus próprios designers. A FECh tem pessoal próprio para trabalhar na comunicação, eles têm designers e jornalistas, muitos profissionais. Eles podem investir mais recursos intelectuais, enquanto nós somos amadores, fazemos o que podemos [...]”¹⁵(von Bülow, Vilaça, Abelin 2016).

Fica evidente a importância do acesso a recursos pela oportunidade de montar equipes de comunicação que se encarreguem do trabalho nas mídias sociais. De acordo com entrevistas realizadas com membros da equipe de comunicações da FECh, em 2011 – período de aprendizado no manuseio das plataformas de redes sociais pelo movimento estudantil chileno – não havia ninguém no comando das comunicações da FECh, apenas poucos voluntários. Desde então, o setor de comunicação da FECh começou a se profissionalizar, chegando ao ponto de possuir, em 2016, quatro funcionários remunerados, sendo dois designers e dois jornalistas. Segundo o entrevistado, contratá-los foi uma resposta ao protagonismo das mídias sociais nas grandes mobilizações de 2011. Esse processo de profissionalização se mostrou importante, pois depender do

¹⁵ Entrevista com gerente de comunicação da FEDEP (Santiago, 2016).

trabalho de voluntários trazia diversas incertezas, pois "[...] durante as mobilizações, tivemos muitos voluntários. Depois, quando a poeira se acalmou, não tanto".¹⁶

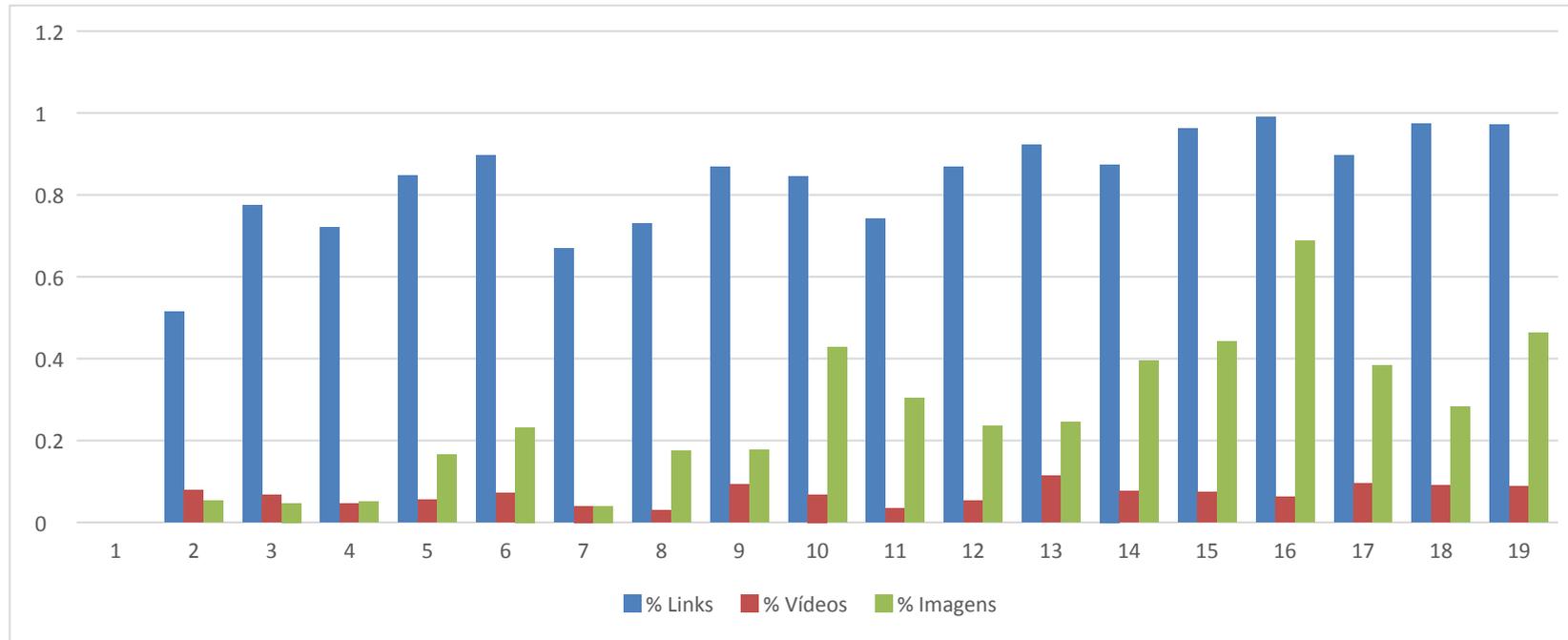
Também é essencial compreender que, neste processo de protagonismo da FECh e da FEUC nas mobilizações estudantis, ambas as federações investiram em cursos técnicos para capacitar a equipe de mídias sociais e tiveram condições financeiras para isso. Gabriel Boric, ex Presidente da FECh afirmou que "[...] uma das coisas que fizemos, por exemplo, foi criar escolas digitais para ativistas".

Portanto, se evidencia a necessidade – e vontade política - que FECh e FEUC tiveram em “profissionalizar” o uso de suas mídias sociais. Contar com uma equipe especializada no controle de plataformas digitais transformou o paradigma das duas federações – as postagens no Facebook e Twitter passaram a ser estrategicamente mais bem concebidas para causarem maior grau de impacto e atraírem mais atenção. De acordo com o gerente de comunicação da FEUC, houve um esforço para se estabelecer metas claras e que conseguiram ressignificar a maneira como eles utilizavam o Facebook e o Twitter e assim empenharam-se mais em uma formatação mais refinada das mensagens. O mesmo entrevistado explicou que eles costumavam fazer vídeos de 5, 6, ou mesmo 11 minutos, bem como postagens no Facebook carregadas com textos grandes, lutando para que se tornassem virais: “Nós percebemos que tínhamos que usar estratégias que tinham um maior potencial de “viralizar”, como os vídeos e *gifs* de 30 segundos” (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016).

Discussão parecida ocorreu internamente na FECh. O gerente de comunicação afirma que foi percebido por eles que para as suas publicações se tornarem mais atraentes e virais, seria necessário mudar o estilo de postagens, utilizando elementos visuais de forma mais volumosa. De acordo com o entrevistado: “[...] alguns elementos que percebemos [...] começamos a postar fotos com tudo, porque torna muito mais visível quando comparado a apenas postar um texto ou um link com algumas notícias” (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016).

¹⁶ Entrevista com o gerente de comunicação da FECh (Santiago, 2016).

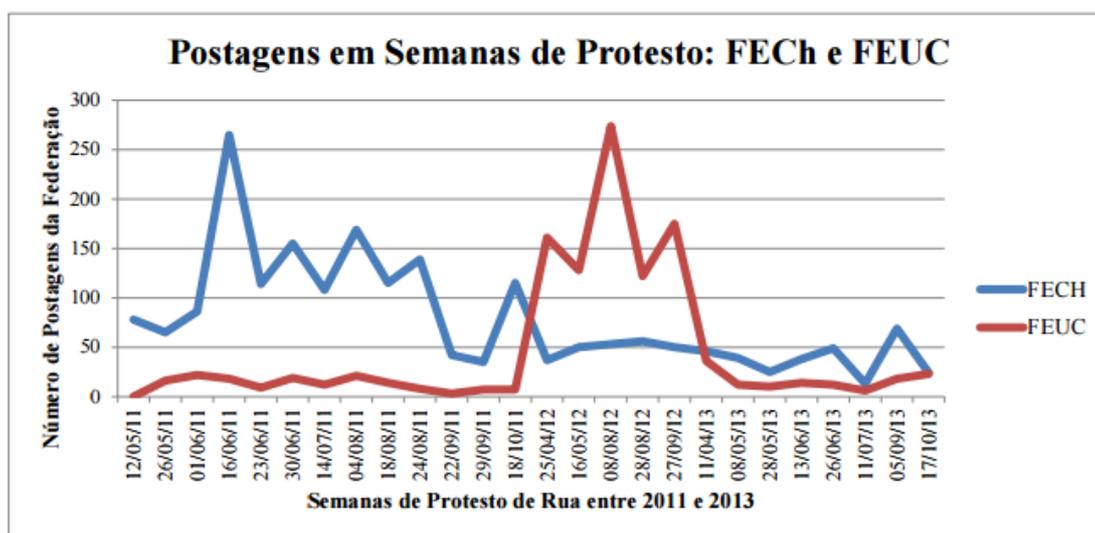
Gráfico 3 – Estilo de postagens FECh, FEUC e FEUSACH (2016)



Fonte: von Bülow, Vilaça e Abelin (2016), e pesquisa própria a partir de URLs oficiais, maio de 2016

Como indicam os dados apresentados no Gráfico 3 – que compara o uso de links, vídeos e imagens nas postagens do Facebook da FECh, FEUSACH e FEUC de 2011 a 2016 – existe uma alteração no padrão de postagens das federações, pois o uso de links, vídeos e, principalmente, imagens, aumentou durante os anos. Nota-se que, quando analisada a porcentagem de postagens que possuía imagens no ano de 2011, FECh, FEUC e FEUSACH utilizaram imagens em menos de 10% das postagens. Já no ano de 2015, a FEUSACH já alcançava quase 40% de publicações contendo imagens, enquanto a FECh e a FEUC já ultrapassavam esse número, indicando um aprendizado e aprimoramento do uso do Facebook pelas três federações.

Gráfico 4 – Postagens em Semanas de Protesto (2011-2013): FECh e FEUC



Fonte: Elaboração própria, com base em postagens das fanpages oficiais das federações no Facebook (Coletadas utilizando o NCapture)

Em uma das entrevistas realizadas com um membro da FEUC, se evidencia que a presença de especialistas nas equipes de comunicação de FECh e FEUC foi primordial na mudança de paradigma de suas práticas digitais. De acordo com o entrevistado, desde que ele assumiu a gestão de mídia social, começou a procurar inspiração em *fanpages* de empresas privadas, a fim de ver quais estratégias estavam usando para "seduzir" seus públicos: “[...] Tenho constantemente prestado mais atenção a *fanpages* particulares, como o Sushi Wom, para ver que estratégias elas usam em suas redes sociais e como elas alcançam altos níveis de interação pública”. As práticas digitais da FECh e da FEUC se transformaram por meio da profissionalização da gestão de suas mídias sociais, resultando em uso mais efetivo e chamativo das plataformas digitais,

superando o processo marcado pela aprendizagem no manejo das redes sociais no início das mobilizações (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016)

O Gráfico 4 indica este uso mais efetivo das redes sociais. Quando se olha para o número de postagens da FECh durante as semanas de protestos, é percebido, por exemplo, que, em 2011, em nove das treze semanas a federação fez mais publicações do que a média dos 3 anos (apresentados na tabela 1), enquanto em 2012 e 2013 nenhuma semana alcança a média (Vilaça, von Bülow, Abelin, 2015). Esses dados indicam a mudança no paradigma na prática das publicações, que vem a reboque de maior qualificação da equipe, que, assim como afirmam as entrevistas, passou a privilegiar um padrão com menos postagens, mas mais concisas e chamativas.

Ao mesmo tempo, as federações estudantis de universidades menores não podiam acompanhar as tendências da FECh e da FEUC por não possuírem recursos humanos e financeiros suficientes. Em relatos de membros de federações fora de Santiago, como a Federação da Universidade de Valparaíso (FEUV) e a Federação da Universidade de Concepción (FEC), afirmaram-se os empecilhos em reunir uma equipe exclusivamente dedicada ao trabalho com comunicação e mídias sociais: “Foi muito difícil conseguir alguém com conhecimentos técnicos exclusivamente dedicados [às mídias sociais] porque dependemos de voluntários” (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016).

Diferenças nas práticas digitais pelo movimento estudantil

Para buscar entender a complexidade e a heterogeneidade das práticas digitais do movimento estudantil, o presente trabalho foca na comparação do uso do Facebook pelas *fanpages* da Federação de Estudantes da Universidade de Chile (FECh), Federação de Estudantes da Universidade Católica (FEUC) e Federação de Estudantes da Universidade de Santiago (FEUSACH). As federações foram selecionadas por utilizarem suas *fanpages* do Facebook de maneira mais eficiente e protagonista ao longo do tempo. Além disso, essas federações (FECh e FEUC) foram escolhidas pelo fato de proverem de universidades grandes e importantes, estarem na capital chilena e, como já abordado no trabalho, possuírem uma história de hegemonia política no cenário político e cultural do país, contribuindo para a ascensão de elites políticas chilenas (Lobos, 2014). A FEUSACH foi escolhida por seu recente protagonismo na utilização do

Facebook e por também ser pertencente a uma universidade que se configura como importante dentro do contexto político chileno.

No entanto, como afirmam von Bülow, Vilaça e Abelin (2016) ainda que seja um importante princípio explicativo para a hegemonia da FECh, a complexidade do processo de apropriação das mídias sociais pelo movimento estudantil chileno não deve ser reduzida a uma simples e automática reprodução de assimetrias e desigualdades de poder e recursos off-line.

Com auxílio da ferramenta/aplicativo NCapture, que possibilita a captura de todas as postagens e comentários de *fanpages*, e do NVivo10, software de análise de dados, realizou-se uma análise de conteúdo das *fanpages* por um período de três anos, concentrando-se nas semanas nacionais de protestos de rua pelo movimento estudantil chileno, pois é nesse período que as federações fazem um uso mais intenso das mídias sociais (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016). A análise de conteúdo foi realizada com o intuito de compreender os diferentes usos da plataforma.

Para a análise de conteúdo, foi utilizado o código de análise desenvolvido no trabalho “Aprendendo a Usar o Facebook: o movimento estudantil no Chile e o ativismo digital” (Vilaça, von Bülow, Abelin, 2015), que se baseia em trabalhos que se utilizaram de processos de codificação semelhantes (por exemplo, Harlow, 2011; Adamoli, 2014; Segurado et al, 2014; Treré, Cargnelutti, 2014; Nitschke et al, 2014)).

Deve-se ressaltar que o processo de formação do código se realizou a longo prazo, de forma indutiva, pois o processo foi marcado por dificuldades em se criar um código que conseguisse abarcar todas as categorias imaginadas. São diversas dificuldades metodológicas em se trabalhar com dados provenientes das redes sociais virtuais (Mosca, 2014), como a recorrente situação de se encontrar links inexistentes e a grande dificuldade de se contextualizar as postagens para se compreender seu significado (Vilaça, von Bülow, Abelin, 2015).

Sendo assim, ao analisar as postagens, busca-se compreender o tipo de mensagem que as federações tentam enviar virtualmente por meio de “nós” – que operam como códigos no NVivo - para classificar os diferentes tipos de postagens. Existia a expectativa de que as *fanpages* se concentrassem em convocatórias de protestos devido ao fato de terem sido elegidos períodos-chave de mobilização – as semanas de protestos

de rua. Quando se comparam os padrões de postagens da FECh e da FEUC, é percebido que o foco em convocatórias para protestos apenas se encontra na primeira, pois as postagens se concentram em protestos e compartilhamento de informações sobre eventos de protestos. A página da FEUC, contudo, se concentra no compartilhamento de informações sobre o movimento estudantil e em assuntos internos, que entram na categoria “outros”. Dessa forma, é percebido na análise que FECh e FEUC utilizam as *fanpages* do Facebook com objetivos distintos e que se comunicam com públicos também distintos. Na medida em que a FECh utilizou sua *fanpage* do Facebook como meio de se envolver com o movimento estudantil em geral, a *fanpage* da FEUC se concentrou na sua comunidade universitária interna. Como um entrevistado da FECh argumentou, o conteúdo da página reflete diferentes realidades políticas das federações específicas:

Na Universidade do Chile, em oposição à Universidade Católica, a comunidade está muito mais envolvida e tem estado mais presente no movimento estudantil. Para nós, não foi complicado dedicar nossos esforços a focar e postar sobre o movimento estudantil. Não temos problema com isso. Em contraste, na Universidade Católica a mobilização não é a mesma daqui. Eles têm que se preocupar com os aspectos básicos da mobilização, sobre o que acontece dentro da Universidade Católica, a fim de intensificar a identidade dos alunos, eles têm que se preocupar com coisas que têm um potencial mobilizador dentro da própria Universidade Católica.

O gerente de comunicação da FEUC endossa a tese do último entrevistado. De acordo com ele, o uso de mídia digital pela FEUC é direcionado para criar e fortalecer uma identidade entre os estudantes da Universidade Católica, motivo para a *fanpage* da FEUC publicar informações sobre a história do movimento estudantil e suas demandas. Segundo o entrevistado:

Eu percebo agora que, ao lidar com as mídias sociais, pelo menos com o Facebook e com a nossa *fanpage*, também é importante gerenciar essas redes com uma visão para a criação de uma identidade, entende? A página da *fanpage* não deve apenas informar e viralizar a informação, mas também ajudar a desenvolver uma identidade através do tempo, através das interações com os outros.

Tabela 3–Análise de conteúdo das fanpages da FECh e da FEUC (2011-2013)

Conteúdo dos Posts	FECh					FEUC				
	2011	2012	2013	Totais	%	2011	2012	2013	Totais	%
Solidariedade	89	2	9	100	5,06	3	4	1	8	0,71

Engajamento com atores externos	283	22	39	344	17,40	20	39	0	59	5,24
Difusão de informações sobre o movimento estudantil	246	41	23	310	15,68	32	144	26	202	17,92
Convocatória para os protestos	228	62	73	363	18,36	6	56	21	83	7,36
Informações durante os protestos	56	2	15	73	3,69	3	1	0	4	0,35
Informações após os protestos	144	23	35	202	10,22	4	25	1	30	2,66
Logística dos protestos	8	0	0	8	0,40	0	0	0	0	0,00
Denúncias	110	44	17	171	8,65	1	31	0	32	2,84
(Re)Afirmção Política	108	26	34	168	8,50	18	38	3	59	5,24
Não identificável	61	0	0	61	3,09	18	29	16	63	5,59
Outros	105	23	49	177	8,95	45	487	55	587	52,09
<i>Total</i>	1438	245	294	1977	100	150	854	123	1127	100

Fonte: elaboração dos autores von Büllow, Vilaça e Abelin (2016), com base na pesquisa de URLs oficiais, maio de 2016

A Tabela 3 revela importantes dados no que diz respeito às variedades de práticas digitais entre as organizações de movimento estudantil chileno. Mesmo que FECh e FEUC tenham tido recursos para dispor de equipe altamente qualificada específica para trabalhar nas plataformas digitais, suas práticas digitais se mostram distintas. Dessa forma, as estratégias e os objetivos específicos de organizações – que são distintas – se mostram um importante fator para compreender como práticas digitais diferentes operam (von Büllow, Vilaça, Abelin, 2016).

As entrevistas com os encarregados das equipes de comunicação de FECh e FEUC indicam que essas práticas distintas na abordagem das mídias sociais são fruto do papel que foi construído por cada federação e que cada um desempenha no movimento estudantil chileno em geral. No caso da FECh, um entrevistado argumentou, quando questionado sobre o papel da federação nas mídias sociais, que eles usam sua *fanpage* para abordar amplamente o movimento estudantil, pois se veem como um “porta-voz”

organizacional do movimento. De acordo com o entrevistado: “A FECh vem sendo, desde 2011, um porta-voz nacional do movimento estudantil. Apesar dos altos e baixos em termos de mobilização do movimento, a FECh sempre foi como um porta-voz”(von Büllow, Vilaça, Abelin, 2016).

Como abordada na seção deste trabalho sobre história política, o papel de “porta-voz” nacional do movimento estudantil chileno pela FECh foi construído a partir da história de uma federação com liderança e protagonismo nas lutas educacionais e sociais do Chile.

Durante década de [1980], a FECh mobilizou e criticou as políticas educacionais do governo da ditadura. Em 1987, organizou a greve geral da Universidade do Chile - incluindo uma grande parte do corpo docente, funcionários da universidade e também os estudantes - contra o presidente José Luis Federici. Esta mobilização conseguiu parar as atividades da universidade por dois meses, até que, o governo militar substituiu ele por Juan de Dios Larrain Vial, o que representou uma grande vitória política.¹⁷

É importante ressaltar que, para compreender as variedades de práticas digitais utilizadas pelas organizações do movimento social, é necessário considerar a história política de cada organização e o papel que elas desempenham na sociedade, assim como é necessário entender a maneira como os membros das federações definem as metas das diferentes plataformas virtuais. No caso comparado no trabalho, é percebido que os diferentes padrões de postagem vêm a reboque desse acúmulo histórico, identitário e cultural.

É percebido, por exemplo, que a *fanpage* da FECh retrata um padrão de engajamento consideravelmente mais elevado com atores externos – 17 % dos posts da FECh envolvem atores como políticos, funcionários públicos e meios de comunicação tradicionais – já a FEUC apresenta um número de apenas 5% na categoria “Engajamento com atores externos”. Como um dos entrevistados afirma:

A FECh, como porta-voz, posta notícias sobre o governo, incluindo uma resposta do movimento estudantil como um anúncio ou entrevista de um dos coordenadores, e nós temos nossa opinião sobre isso, fazemos mais do que informar. “Ministro Valdez se recusa a abrir a porta para mudar CAE” e, em seguida, a FECh diz: “O movimento estudantil inclui uma enorme quantidade de estudantes em dívidas e presos no sistema educacional atual, por isso tem de mudar e eles não podem fechar as portas para nós!”

¹⁷ Disponível em: <<http://archivofech.cl/catalogo/index.php/federacion-de-estudiantes-de-la-universidad-de-chile;isaar>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

FEUSACH: consolidação de seu protagonismo

Como mencionado acima, a Federação de Estudantes da Universidade de Santiago (FEUSACH) passou a ser a organização estudantil chilena com a segunda *fanpage* mais seguida, atrás apenas da *fanpage* da FECH. No entanto, mesmo que FECh e FEUC exerçam maior hegemonia no cenário político chileno e operem como formadoras de elites políticas no Chile (Lobos, 2014), a FEUSACH já despontava como terceira força no contexto estudantil do país. Em razão da geopolítica chilena, a FEUSACH, junto com FECh e FEUC - todas essas universidades com sede na região metropolitana de Santiago - operaram a partir de 2011 como as universidades com mais exposição midiática (Sola-Morales, Rivera Gallardo 2015, p. 42).

No ano de 2011, quando eclodiram as manifestações de rua no Chile, os principais líderes nacionais do movimento e maiores interlocutores com a mídia eram Camila Vallejo, Giorgio Jackson e Camilo Ballesteros, presidentes da FECH, FEUC e FEUSACH, respectivamente, e membros executivos da Confech (Pousadela, 2012, p. 9). Diversos ex-dirigentes dessas universidades se transformaram em candidatos a cargos no Congresso Nacional chileno, fazendo parte da chapa de centro-esquerda - "Nova Maioria" - que colocou a candidata Michelle Bachelet na Presidência do país (Bacallao-Pino, 2016, p.815). Ex-dirigentes da FECh, como Camilla Vallejo - Presidenta da FECh em 2010-2011 - e Gabriel Boric - Presidente da FECh em 2012 - e Giorgio Jackson, Presidente da FEUC em 2011 (Bacallao-Pino,2016), são exemplos de candidatos provenientes do movimento estudantil e que ilustram a hegemonia dessas duas federações e como operam como formadora de elites políticas. A FEUSACH, contudo, marca presença de forma institucional nesse importante processo de transição política, com a presença de Camilo Ballesteros - Presidente da FEUSACH em 2010-2011 - no comando eleitoral de Michelle Bachelet (Bacallao-Pino, 2016, p.815).

Um entrevistado, encarregado de gerenciar as comunicações da FEUSACH, quando questionado sobre a estratégia de comunicação da organização, confirma a vontade política da FEUSACH em protagonizar as mobilizações: “[...] mais do que qualquer coisa, é mostrar a todos os alunos que estamos presentes nas marchas, na Confech, que os líderes estão dando toda a perseverança”.¹⁸

¹⁸ Entrevista com gerente de comunicação da FEUSACH (Santiago, 2016).

O fato de a FEUSACH possuir mais que o dobro de seguidores no Facebook do que a quantidade de alunos matriculados em sua universidade demonstra como a FEUSACH expandiu sua atuação nas mídias sociais virtuais. Apenas a FECh também possui maior quantidade de seguidores do que matriculados na instituição a qual pertence (Bacallao-Pino 2016).

Essa grande presença e atuação no Facebook, que se configurou em protagonismo na apropriação das redes sociais virtuais, faz com que se suponha que, da mesma forma que a FECh e a FEUC, a FEUSACH dispusesse de uma equipe altamente qualificada e remunerada para gerir as comunicações da federação. Na entrevista com o encarregado das comunicações da FEUSACH, contudo, é expresso que a FEUSACH - ainda que se encontre em geografia privilegiada no Chile - não conta com os mesmos recursos humanos e financeiros que FECh e FEUC.

No momento, só eu estou cuidando das redes sociais. Facebook é o que mais nos dedicamos. E também integra a equipe um menino da FEL (Frente de Estudiantes Libertários) que se chama Juan¹⁹, que é como a minha equipe, e quero integrar mais gente, para cuidar do Twitter.... Porque manusear o Facebook todos fazem, é algo mínimo. A ideia é melhorar as comunicações. Queremos baixar as informações de maneira rápida, mais dinâmica. [...]São somente pessoas voluntárias.

Conforme os gráficos abaixo indicam, apesar de a FEUSACH sempre ter tido um alto nível de controle de conteúdo publicado em sua *fanpage*—medido em termos da proporção de publicações da *fanpage* x publicações de outros usuários - este número foi aumentando gradativamente ao ponto de a FEUSACH controlar 80% das publicações de sua *fanpage*. Isso indica que a FEUSACH prezou pela institucionalização das postagens de sua *fanpage*, demonstrando crescente domínio sobre o conteúdo discutido na página.

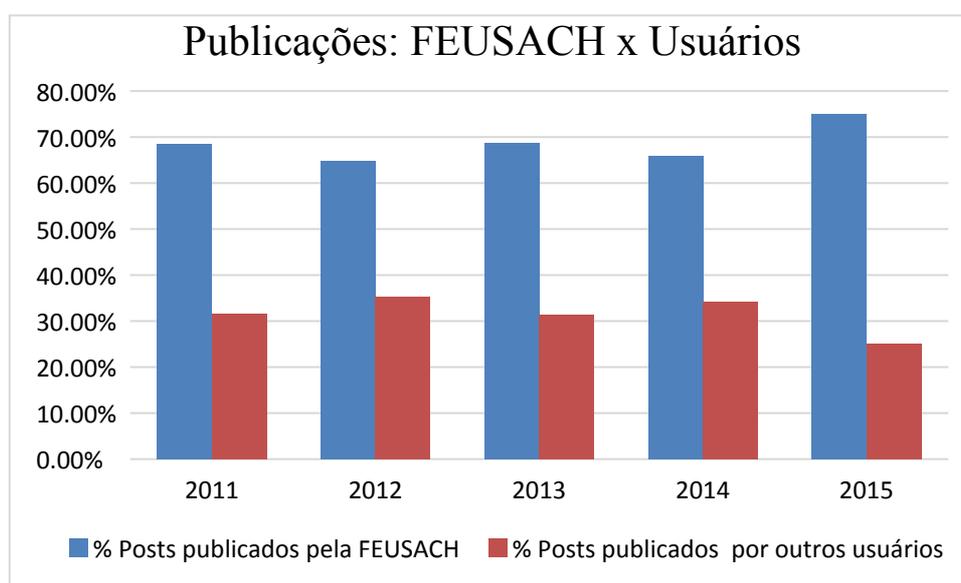
Esse processo de institucionalização é fundamental para que a organização consiga criar uma identidade virtual - para haver identidade é necessário assumir o controle da página - e também possa ter o monopólio discursivo político dentro da arena virtual. Quanto maior o controle do que se publica, menos espaço para outro tipo de manifestação pública na *fanpage*, reforçando o espaço das federações estudantis chilenas como arenas tradicionais e hierárquicas. Como já argumentado no presente trabalho, acredita-se que as discussões mais profundas das organizações chilenas, que sejam feitas na arena

¹⁹ Nome fictício.

virtual, ocorram em espaços fechados, como grupos de whatsapp e grupos fechados no Facebook.

Dessa forma, é endossada a ideia dos espaços virtuais sendo permeados por variáveis de relações de poder, arenas que se configuram em disputas políticas e que necessitam ser analisadas a partir de contextos específicos (Vilaça, von Bülow, Abelin, 2015). De acordo com von Bülow e García (2015, p.3), “[...] as plataformas de mídias sociais são arenas de disputa de poder. Se essa disputa leva a um maior empoderamento individual ou a um nível menor de hierarquia nas redes são perguntas empíricas”.

Gráfico 5 – % de Publicações da FEUSACH e de outros usuários



Fonte: Elaboração própria

Também foi percebido uma mudança no paradigma das postagens da FEUSACH ao longo do tempo, que se ilustra no aumento de postagens com links e imagens (Gráficos 3). Situação semelhante é percebida nas *fanpages* da FECh e da FEUC, as quais, ao longo do tempo, tiveram incremento na quantidade de postagens com imagens e links, mas também não obtiveram aumento significativo no número de vídeos. Essa mudança no padrão de postagem - a federação passou a publicar mais conteúdo com links e imagens - reforça a ideia de que a FEUSACH, juntamente com FEUC e FECh, passou por um processo de aprendizagem, experimentação e ressignificação na forma como gere sua página.

Quando questionado sobre os principais desafios nas estratégias de redes sociais, o gerente de comunicações da FEUSACH explica, de forma clara, como concebe a melhor forma de gerir as redes sociais virtuais:

Eu gostaria de ter todos os estudantes da universidade como seguidores da fanpage e fazer a informação mais amigável. Construir infográficos das votações [...] creio que deve se fazer mais chamativo e mais fácil de entender. Colocar foto, ou vídeo [...] senão fosse por isso, mandaríamos por correio e quem quisesse leria.

Evidencia-se, assim, o princípio que pauta a noção de gestão e identidade visual que a atual gestão da FEUSACH concebe para a sua *fanpage*, e que a ideia de se elaborar postagens mais concisas, informativas e chamativas se apresenta como tendência nas organizações do movimento estudantil chileno.

Tabela 4 –Análise de conteúdo da fanpage da FEUSACH no ano de 2016

Conteúdo dos Posts	2016	Porcentagem
Difusão de informações sobre o movimento estudantil	97	17,90%
Convocatória para protestos	63	11,60%
(Re)AfirmçãoPolítica	56	10%
Engajamento com atores externos	42	7,70%
Informações divulgadas após os protestos	13	2,40%
Informações divulgadas durante protestos	9	1,70%
Denúncias	7	1,30%
Solidariedade	4	0,70%
Logística dos protestos	1	0,2%
Não identificável	7	1,30%
Outros	244	44%
Total	543	100%

A análise de conteúdo expõe dados relevantes no que diz respeito àspráticas digitais da FEUSACH. O nó denominado "logística" se mostra quase insignificante, o que reforça a ideia de que estratégias referentes a locais e horários das mobilizações são decididas em

espaços presenciais ou fechados do movimento estudantil. A federação dedica um importante espaço para divulgar informações sobre o movimento estudantil - traduzidos em diversos informes sobre a Confech - indicando o protagonismo da FEUSACH no movimento estudantil e que a organização também exerce seu papel de "vocera" (membro executivo) da Confech²⁰ - na arena virtual.

A significativa quantidade de postagens dedicadas à afirmação política também expõe o forte cunho ideológico da página, com constantes mensagens de posicionamento e enfrentamento político. O número de publicações relacionadas a protestos demonstra que a página foi instrumentalizada para propaganda e mobilização, e em muitas ocasiões, a página repassou os chamados da Confech. Entretanto, grande parte das publicações estão categorizadas no nó "outros". Na maioria esmagadora dos casos são publicações dedicadas a questões internas da Faculdade. Dentro dessas questões internas, evidencia-se a importância de temas como informes para a comunidade acadêmica, por exemplo, o aviso de atraso de bolsas, ou mesmo a chamada para eventos acadêmicos e festas universitárias. Veja-se, por exemplo, postagem reproduzida da *fanpage* da FEUSACH no Facebook: “Companheiras e companheiros, lembrem que hoje se encerra o prazo para postulação das Bolsas às 12h!”

Tabela 5 – Conteúdo do nó outros

OUTROS		
CONTEÚDO DOS POSTS	2016	PORCENTAGEM
Informes para a comunidade acadêmica	44	18%
Eventos Universitários	89	36,50%

Os dados apresentados na Tabela 4 revelam certa semelhança na forma como FEUSACH e FEUC utilizam suas *fanpages*. As três federações dedicam espaço considerável para se afirmar politicamente e marcar forte presença no movimento estudantil, com informes e convocatórias para mobilizações estando constantemente

²⁰ Patricio Medina é o atual Presidente da FEUSACH. É presidente da Federação da Revolução Democrática e substituiu a ex presidente Marta Matamala. Com a eleição como presidente da FEUSACH, também se torna porta-voz da CONFECH. Disponível em: <<http://www.emol.com/noticias/Nacional/2016/06/23/809320/Nuevo-presidente-de-la-Feusach-Recuperaremos-la-transversalidad-del-movimiento-estudiantil.html>>. Acesso em 01 dez. 2016.

presentes na linha do tempo dessas *fanpages*. No entanto, mesmo que isso indique grande protagonismo das duas federações –“voceras da Confech” - as duas organizações ainda privilegiam assuntos internos como pauta maior em suas *fanpages*. Como já abordado no presente trabalho, essas práticas digitais são resultado do papel histórico e cultural que cada federação desempenha no movimento estudantil chileno.

O gerente de comunicações da FEUSACH comenta sobre a hegemonia da FECH no número de seguidores das *fanpages* do Facebook.

Está relacionado com o número de alunos de cada universidade. A FECh é uma das maiores, não é muito comparável, tem a ver com o tamanho da universidade, a FECh é como o ícone Confech, muitos dirigentes devem ter "curtido" a página da FECH[...]Se alguém quer saber o que está acontecendo, eles têm a informação atualizada. Se alguém muito externo quer saber o que está acontecendo, vai entrar na página da FECh e ficará ciente da contingência.

Essa importante entrevista reforça a noção de que a FECh é concebida como porta-voz do movimento estudantil chileno - incluindo outras federações - refletindo de forma decisiva na forma como operam as relações de poder nas organizações chilenas, e que influenciam diretamente a maneira como o movimento estudantil se apropria das redes sociais virtuais. Todavia, não se pode desconsiderar o fato de a FEUSACH não possuir uma equipe profissionalizada na gestão das comunicações - um decisivo requinte nas práticas digitais que FECh e FEUC dispõem, enquanto a FEUSACH atua com limitação de recursos.

Não temos muito dinheiro, tudo se trata de fazer com autogestão, neste caso Juan21 entende mais de comunicações, e a plataforma prevê a participação de 100% dos indivíduos. Temos certos benefícios, facilidades para trabalhar, [...] eles [FECh] são muito profissionalizados, têm seus fotógrafos, câmeras, projetistas. Às vezes, como na campanha, temos dinheiro para fazer vídeos, mas agora não temos nada desse tipo"

Ainda que não conte com os decisivos recursos - financeiros e simbólicos - de FECh e FEUC, a FEUSACH, além de desempenhar importante papel de protagonismo das mobilizações de rua e no debate político contemporâneo do Chile, também conseguiu transportar esse acúmulo político construído nos últimos anos para as arenas virtuais.

²¹ Nome fictício para proteger identidade.

mais óbvia utilização - como a chamada para protestos - a um convite para um evento universitário, fica evidente a tentativa de criação de pertencimento para com a comunidade universitária - estudantes, funcionários e professores - por parte da federação. “Lembre-se, amanhã, domingo 4 de setembro, marcha as 11 horas em Plaza Itália. *Todos* contrao endividamento para estudar!” (grifo nosso)²².

"Compañeros", outro termo utilizado a todo momento pela *fanpage* da FEUSACH no Facebook, se mostra mais um importante exemplo que ilustra a sensibilidade que a FEUSACH apresenta com a comunicação. Em o "Tesouro da Língua Castelhana"²³, de Sebastián de Covarrubias, dicionário cânone do espanhol, publicado em 1611, a palavra "compañía"²⁴ é descrita como:

Diz-se da palavra *compar*, a coisa que é igual à outra. E a companhia pressupõe igualdade, porque os amigos e companheiros o são, enquanto se tratam igualmente; sem fazer diferenciação entre um e outro, de modo que meu amigo seja outro eu. Algunsquerem que o companheiro haja como se diz de come pão, porque entre os amigos não deve haver pão partido, e sim devem comer o mesmo pão.

A expressão "companheiro", de forte conotação política, se transformou em termo símbolo utilizado por movimentos sociais ao longo da história, pois evoca ideia de classe e fraternidade, a noção de "dividir o mesmo pão". No caso da FEUSACH, o termo é utilizado para se criar uma identidade coletiva, e, principalmente, uma identidade que saiba representar as demandas de seus integrantes (Tarrow, 1998). As identidades são a base de agregação dos movimentos sociais, pois ela diminui os custos de trabalho e geram rede de solidariedade de militantes (Tarrow, 1998). Sendo assim, o fortalecimento de símbolos pelo movimento estudantil chileno concebe novas identidades e produz mudanças (Tarrow, 1998).

A árvore também dá espaço para palavras canônicas na luta do movimento estudantil chileno. "Paro" e "Educação", expressam, literalmente, as greves estudantis e a pauta primordial do movimento chileno, respectivamente. Assim como, a presença de "www" é fruto das constantes publicações com links já abordadas nesse trabalho.

²² Postagem retirada da fanpage da FEUSACH por meio da ferramenta NVivo.

²³ Disponível em <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/del-origen-y-principio-de-la-lengua-castellana-o-romance-que-oy-se-vsa-en-espana-compuesto-por-el--0/html/>> Acesso em 01/12/16

²⁴ Em hispânico.

Considerações Finais

As plataformas de redes sociais vêm desempenhando papel de destaque no modo como as decisões políticas são tomadas em locais tradicionais da política. Vêm, sobretudo, criando novas formas de manifestação política e de construção de redes, afetando inclusive as formas consideradas mais tradicionais de movimentos sociais. Castells (2013), por exemplo, expõe que as redes sociais tiveram impacto determinante e alteraram a gênese da organização de movimentos sociais. Contudo, independente de saber se as mídias sociais estão tendo resultados efetivos no alargamento da democracia, é notório que ferramentas como o Facebook foram essenciais no processo de mobilização que resultaram na derrocada de regimes na chamada Primavera Árabe, no surgimento de movimentos da ordem global, como o *Occupy Wall Street* (Castells, 2013), e nas mobilizações pela reforma educacional no Chile.

Igualmente relevante, assim como afirmam von Bülow e García (2015), é como a utilização de novas mídias sociais virtuais contribuiu para a diversificação e potencialização dos repertórios de ação coletiva do movimento estudantil chileno, tendo grande impacto positivo nos seus esforços de comunicação e mensagem. (Von Bülow, García, 2015). Nesse sentido, o Facebook vem cumprindo função fundamental no diálogo entre o movimento estudantil chileno, a sociedade civil e a burocracia. A institucionalização do Facebook indica que as federações chilenas concebem essa ferramenta como fundamental na sua estratégia de disseminação do discurso.

Por outro lado, ainda há grande assimetria e concentração de informação no uso dessa rede social, enfraquecendo a noção da internet como ferramenta que horizontaliza as relações entre atores e organizações (Castells, 2015).

O trabalho, a reboque do que argumentam von Bülow, Vilaça e Abelin (2016), concebe a nova era tecnológica em um cenário novo e paradigmático, mas que não opera de maneira determinista na ação coletiva. Entende-se que distintos atores podem responder de múltiplas formas diferentes e que é fundamental ressaltar que os atores mudam a maneira que utilizam as ferramentas digitais ao longo do tempo. A escassez de estudos sistemáticos sobre dinâmica e variação do uso dos meios digitais em longos espaços de tempo é um fator que não deve ser ignorado, pois a maioria da literatura ainda se concentra em pequenos períodos - tendo em vista que o tema se mostra recente na agenda dos pesquisadores.

Entretanto, o processo de apropriação dessas plataformas digitais por parte dos movimentos sociais vem sendo realizado por meio de assimetrias de poder, apresentando vários desafios para as federações estudantis. Desigualdades anteriores sobre as organizações pautaram as arenas on-line.

O uso do Facebook e do Twitter pelo movimento estudantil chileno se transformou através do tempo. E as práticas digitais do movimento estudantil indicam as diferentes concepções que as organizações possuem para essas plataformas. Enquanto a FECh operou como porta-voz do movimento estudantil chileno, instrumentalizando sua *fanpage* como espécie de alter-ego do movimento estudantil e que dispunha de todas as informações necessárias para informação dos estudantes, FEUC e FEUSACH, ainda que tenham tido importante papel de mobilização virtual e politização de sua *fanpage*, se dedicaram mais a questões internas e o desenvolvimento de uma identidade junto à comunidade estudantil (von Bülow, Vilaça, Abelin, 2016).

Mesmo que as federações chilenas tenham desenvolvido diferentes estratégias para a utilização do Facebook, nos casos estudados se percebeu um processo comum de profissionalização das redes sociais, como o fato de as federações possuírem equipes encarregadas das mídias sociais, que desenvolvem estratégias de viralização e criação de identidade. Além disso, houve aumento no controle do conteúdo publicado, indicando um processo de "institucionalização" das *fanpages* e uma mudança no paradigma das postagens, ilustrada pelo aumento de publicações com imagens e links. Dessa forma, o trabalho ressalta que este momento de apropriação do Facebook é marcado por um constante processo de aprendizagem pelas federações

Essas mudanças, no entanto, também caminham juntas com as mudanças das próprias plataformas. A utilização do Facebook - enquanto mídia social - se transformou nos últimos anos e a sua própria relação com o usuário vem sendo constantemente modificada. O Facebook é um objeto que segue tendências de mercado e se adéqua ao perfil do consumidor, que está em contínua transformação. A possibilidade de utilização de *gifs* - imagens que se movimentam – no Facebook é um exemplo de diversificação de experiências ofertadas pela plataforma e que mudam a forma como as pessoas interagem com a plataforma. Isso retrata os constantes desafios de se estudar as mídias sociais virtuais na medida em que suas plataformas não são estáticas e multiplicam suas

experiências, alterando a percepção e as expectativas que as pessoas possuem dessas plataformas.

Também é possível afirmar que o horizonte dessa pesquisa permite um estudo comparativo com o Brasil²⁵ e com os demais países da América Latina, que, com suas especificidades em relação à forma de ingresso no ensino superior e a presença do mercado na educação pública, também são marcados pela profunda desigualdade no acesso à educação de qualidade (Gazzola, Didriksson, 2008).

Além disso, conforme colocado acima, também é possível estudar as transformações e inovações no universo da Internet e das plataformas de redes sociais e como elas impactam no movimento estudantil chileno. Plataformas como Snapchat e Instagram passaram a ser utilizadas por alguns setores do movimento estudantil chileno, mas ainda pouco se avalia e dimensiona seu impacto no repertório e nas estratégias do movimento. Sobre o Snapchat e o Instagram, afirma o encarregado de comunicações na FEUSACH: “Creio que têm impacto no momento que estão na moda. Snapchat é algo novo, porém o impacto é na medida em que estão na moda”.

Acredita-se que as organizações que utilizam essas plataformas ainda estejam passando por um processo de aprendizagem similar ao que passaram no uso do Facebook. Se essas mídias se estabelecerem de fato no cotidiano das organizações – ainda que a entrevistada demonstre ceticismo – será importante fazer um diagnóstico elaborado sobre a maneira em que as organizações passaram a operar essas plataformas, e assim realizar um estudo comparativo com o Facebook, que é a principal plataforma utilizada pelo movimento estudantil chileno.

Pretende-se avançar neste campo, que ainda se mostra novo e desafiador e no qual diferentes contextos podem apresentar novas e inéditas considerações. Dessa forma, aprofundando o estudo de caso das variedades de práticas digitais do movimento estudantil chileno, compreender-se-á cada vez mais o efeito que as novas tecnologias

²⁵O contexto educacional chileno não se mostra descolado da realidade brasileira. Mesmo com as ações afirmativas que possibilitaram um grande avanço na democratização das universidades federais brasileiras (ver, entre outros, Lima, 2010; e o documento “Análise do sistema de cotas para negros da Universidade de Brasília – Período: 2º semestre de 2004 ao 1º semestre de 2013. Disponível em: <http://unb2.unb.br/administracao/decanatos/deg/downloads/index/realtorio_sistema_cotas.pdf> Acesso em 01 dez. 2016. O ingresso no ensino superior ainda é marcado por profunda desigualdade (ver, entre outros, Zago, 2006; Cunha, 2004; Carvalho, Waltenberg, 2013; Andrade, 2012).

possuem nas organizações do Chile, e assim será possível fazer paralelos com organizações tradicionais de outros países.

Referências bibliográficas

ADAMOLI, Ginevra, *Social Media And Social Movements: A Critical Analysis Of Audience's Use Of Facebook To Advocate Food Activism Offline*. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia). The Florida State University, College of Communication and Information, 2012.

ANDRADE, Cibele. Acesso ao ensino superior no Brasil: equidade e desigualdade social. *Revista Ensino Superior Unicamp*, ed.6, p.18-27, 2012.

ARELLANO M., José Pablo. Políticas Sociales para el Crecimiento con Equidad Chile 1990-2002. *Serie de Estudios Socio/Económicos*, v. 26, p. 1-46, 2004

AYRES, Jeffrey. From the Streets to the Internet: The Cyber-Diffusion of Contention. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 566, n. 1, p. 132-143, 1999.

BACALLAO-PINO, Lázaro M. (2016). Redes sociales, acción colectiva y elecciones: los usos de Facebook por el movimiento estudiantil chileno durante la campaña electoral de 2013. *Palabra clave*, v.19, n. 3, p. 810-837, set. 2016.

BARASSI, Veronica and TRERÉ, Emiliano. Does Web 3.0 come after Web 2.0? Deconstructing theoretical assumption through practice. *New Media & Society*, v. 14, n. 8, p. 1269-1285, 2012.

BENKLER, Yochai. *The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom*. New Haven: Yale University Press, 2006.

BENNET, Lance; SERGEBERG, Alexandra. The Logic of Connective Action. *Information, Communication & Society*, v. 15, n. 5, p. 739-768, 2012.

BENNETT, Lance; SEGERBERG, Alexandra. *The Logic of Connective Action: digital media and the personalization of contentious politics*, Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

BENNETT, Lance; SEGERBERG, Alexandra; WALKER, Shawn. Organization in the crowd: peer production in large-scale networked protests. *Information, Communication and Society*, v. 17, n. 2, p. 232-260, 2014.

BIMBER, Bruce; FLANAGLIN, Andrew; STOHL, Cynthia. *Collective Action in Organizations: interaction and engagement in an era of technological change*, Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

BIMBER, Bruce. The Internet and Political Transformation: Populism, Community, and Accelerated Pluralism. *Polity*, v. 31, n. 1, p. 133-160, 1998.

BOULIANNE, Shelley. Does Internet Use Affect Engagement? A Meta-Analysis of Research. *Political Communication*, v. 26, n. 2, p. 193-211, 2009.

CABALÍN, Cristian. Estudiantes conectados y movilizados: El uso de Facebook en las protestas estudiantiles en Chile". *Comunicar*, v. 43, p. 25-33, 2014.

CARVALHO, Márcia; WALTENBERG, Fábio. Desigualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior no Brasil: uma comparação entre 2003 e 2013. *Economia Aplicada*, v. 19, n. 2, p. 369-396, 2015.

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CLEMENS, Elisabeth. Repertórios organizacionais e mudança institucional: grupos de mulheres e a transformação na política dos Estados Unidos. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 3, p. 161-218, jan./jul. 2010.

COMISSÃO EUROPÉIA. *Chile: Country Strategy Paper 2007-2013*. Bruxelas: European Commission, 2013.

CONFECHE. Congreso Confech. Documento-guia. 2012. Disponível em: <<http://movimientoestudiantil.cl/wp-content/uploads/2015/12/2012-04-16-gui%DD%81a-congreso-confech-1.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

COULDRY, Nick. *Media, Society, World: Social Theory and Digital Media Practice*. Cambridge: Polity Press, 2012.

COVARRUBIAS, Sebastián. Tesouro da Língua Castelhana. 1611. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/del-origen-y-principio-de-la-lengua-castellana-o-romance-que-oy-se-vsa-en-espana-compuesto-por-el--0/html/>> Acesso em: 06 dez. 2016.

COX, Cristián. Las Políticas Educativas de Chile en las Últimas Dos Décadas del Siglo XX. *Retrieved January*, v. 20, 2003.

CUNHA, Luiz Antônio. Desenvolvimento desigual e combinado no ensino superior. – Estado e mercado. *Educ. Soc*, Campinas, v. 25, n. 88, p. 795-817, Especial - out. 2004

DELAMAZA, Gonzalo. De La elite civil a La elite política. Reproducción del poder en contextos de democratización. *Revista Latinoamericana*, v. 12, n. 36, p.67-100, 2013.

DELLA PORTA, Donatella. *Organizational structures and visions of democracy in the Global Justice Movement: an introduction*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

DONOSO DÍAZ, Sofía. Reforma y Política Educativa en Chile 1990-2004: el Neoliberalismo en Crisis. *Estudios Pedagógicos*, v. XXXI, n. 1, p. 113-135, 2005.

EARL, Jennifer; KIMPORT, K. *Digitally Enabled Social Change: activism in the internet age*. Cambridge: The MIT Press, 2011.

FLANAGIN, Andrew et al. Modeling the Structure of Collective Action. *Communication Monographs*, v. 73, n. 1, p. 29-54, 2006.

GAMSON, Joshua. The organizational shaping of collective identity: the case of Lesbian and Gay Film Festivals in New York. *Sociological Forum*, v. 11, n. 2, p. 231-245, 1996.

GARCÍA, Cristóbal; VON BÜLOW, Marisa; LEDEZMA, Javier; CHAUVEAU, Paul. What can Twitter tell us about social movements' network topology and centrality? Analyzing the case of the 2011-2013 Chilean student movement. *International Journal of Organisational Design and Engineering*, n. 3, p. 317-337, 2014.

GARCÍA, Cristóbal, Urbina, D.; ZAVALA, J. Social Media Meets Political Action: The 2006 Penguins Revolution in Chile. *Working Paper PUC*, Santiago, 2010.

GAZZOLAM, Ana L.; DIDRIKSSON, Axel. *Tendencias de la Educación Superior en América Latina y el Caribe*. Caracas: IESALC-UNESCO, 2008.

GERBAUDO, Paolo. *Tweets and the Streets: Social Media and Contemporary activism*. London: Pluto Press, 2012.

GERBAUDO, Paolo. Social media teams as digital vanguards: the question of leadership in the management of key Facebook and Twitter accounts of Occupy Wall Street, Indignados and UK Uncut. *Information, Communication & Society*, v. 20, 2016.

HARLOW, Summer. Social media and social movements: Facebook and an online Guatemalan justice movement that moved offline. *New media & society*, p. 1-19, 2011.

KHONDKER, Habibul. Role of the New Media in the Arab Spring. *Globalizations*, v. 8, n. 5, p. 675-679, 2011.

KRUGMAN, Paul. Previdência Social: Chile, Thatcher, Bush e o "Paráiso dos Tolos". *New York Times*, New York, 17 dez. 2004.

LIMA, Márcia. Desigualdades raciais e políticas públicas: ações afirmativas no governo Lula. *Novos Estudos - CEBRAP*, n. 87, p. 77-95, 2010.

LOBOS ROCO, Micaela. La influencia de las organizaciones políticas universitarias en la formación de élites políticas en Chile: el caso de las federaciones de estudiantes de la Universidad de Chile y Universidad Católica 1984-2005. *Revista de Ciencia Política*, v. 52, n. 2, p. 157-183, 2014.

MATTONI, Alice; TRERÉ, Emiliano. Media practices, mediation processes and mediatization in the study of social movements. *Communication Theory*, v. 24, n. 3, p. 252-271, 2014.

MCCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. Resource Mobilization and Social Movements: a Partial Theory. *American Journal of Sociology*, v. 82, n. 6, p. 1212-1241, 1977.

MELLA, Marcelo; RÍOS, Héctor; RIVERA, Ricardo. Condiciones orgánicas y correlaciones de fuerza del movimiento estudiantil chileno. Una aproximación desde la Confech (2011-2015). *Revista Izquierdas*, v. 27, p. 124-160, abril 2016.

MELUCCI, Alberto. *Challenging Codes: Collective Action in the Information Age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MORIS, Aldon D. *The Origins of the Civil Rights Movements: Black Communities Organizing for Change*. New York: The Free Press, 1984.

MUÑOZ, Vernor. *El derecho a la educación: una mirada comparativa Argentina, Uruguay, Chile y Finlandia*. 2011. Disponível em: <<http://portal.unesco.org/geography/es/files/15017/13230888961Estudio-comparativo-UNESCO-Vernor-Munoz.pdf/Estudio-comparativo-UNESCO-Vernor-Munoz.pdf>>. Acesso em 06/12/16

NITSCHKE, Paula et al. Political organizations' use of websites and Facebook. *New Media & Society*, p. 1-21, 2014.

NUNES, Rodrigo. *Organisation of the organisationless: Collective action after networks*. Berlin: Leuphana/Mute/Post-Media Lab, 2014.

OLSON, Mancur. *The Logic of Collective Action: public goods and the theory of groups*, Cambridge: Harvard University Press, 1971.

PAPACHARISSI, Zizi. The virtual sphere: the internet as a public sphere. *New Media Society*, v. 4, n. 9, 2002.

PAVAN, Elena et al. Social Media for Social Innovation. Towards a multi-layered analytic framework. *First International Workshop on Social Innovation and Social Media*, Barcelona, 2011.

POUSADELA, Inés M. *Student Protest, Social Mobilization, and Political Representation in Chile*. 2012. Disponível em: <http://paperroom.ipso.org/papers/paper_11698.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2016.

SCHLOZMAN et al. Weapon of the Strong? Participatory Inequality and the Internet. *Perspectives on Politics*, v. 8, p. 487-509, 2010.

SEGURADO, Rosemary et al. Os movimentos sociais e a internet: a apropriação política do Facebook durante as Jornadas de Junho. Encontro Anual da ANPOCS, 38., 2014. Caxambu. *Anais...* Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2014.

SHIRKY, Clay. *Here comes everybody: the power of organizing without organizations*, New York: Penguin Books, 2008.

SHIRKY, Clay. The political power of social media. *Foreign Affairs*, v. 90, n. 1, p. 28-41, 2011.

SILVA, Marcos A.; JOHNSON Guillermo A. Chile 2013: as eleições e a falência do modelo chileno. *Conjuntura Global*, Curitiba, v. 2, n.4, p. 205-213, out./dez., 2013.

SOLA-MORALES, Salomé; RIVERA GALLARDO, Ricardo. Las redes sociales como catalizador del movimiento estudiantil chileno em 2011. *Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 128, p. 37-52, abril/jul. 2015.

TARROW, Sidney. *O Poder em Movimento: Movimentos Sociais e confronto político*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

TRERÉ, Emiliano; CARGNELUTTI, Daniele. Movimientos sociales, redes sociales y Web 2.0: el caso del Movimiento por la Paz con Justicia y Dignidad. *Communication & Society*, v. 27, n. 1, p. 183-203, 2014.

TRERÉ, Emiliano. Reclaiming, proclaiming, and maintaining collective identity in the #YoSoy132 movement in Mexico: an examination of digital frontstage and backstage activism through social media and instant messaging platforms. *Information, Communication & Society*, v. 18, n. 8, p. 901-915, 2015.

VALDERRAMA, Lorena. B. Jóvenes, Ciudadanía y Tecnologías de Información y Comunicación. El movimiento estudiantil chileno. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 11, n. 1, p. 123-135, 2013.

VALENZUELA, Sebastián. Protesta en la Era de Facebook: manifestaciones juveniles y uso de redes sociales en Chile 2009-2011. *Encuesta Jóvenes, Participación y Consumo de Medios*, Periodismo UDP, Santiago, Chile, p. 20-29, 2012.

VAN LAER, Jeroen; VAN AESLT, Peter. Internet and Social Movement Action Repertoires. *Information, Communication & Society*, v. 13, n. 8, p. 1146-1171, 2010.

VILAÇA, Luiz; VON BÜLOW, Marisa; ABELIN, Pedro. Aprendendo a usar o Facebook: o movimento estudantil no Chile e o ativismo digital. Encontro Anual da ANPOCS, 39., 2015. Caxambu. *Anais...* Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2015.

VON BÜLOW, Marisa. The survival of leaders and organizations in the digital age: lessons from the Chilean Student Movement. *Annual Meeting of the Latin American Studies Association*, New York, 2016.

VON BÜLOW, Marisa; BIDEGAIN, Germán. It takes two to tango: students, political parties, and protest in Chile (2005-2013). In: ALMEIDA, Paul; CORDERO, Allen (Org.). *Handbook of Social Movements Across Latin America*. New York: Springer, 2015, p. 179-194.

VON BÜLOW, Marisa; GARCÍA, Cristobal. Who Controls the Internet? Student Movement Organizations and Protest in the Digital Age. Seattle: University of Washington, 2015.

WALGRAVE, Stefaan, BENNETT, W.; VAN LAER, Jeroen; BREUNIG, Christian. Multiple Engagements and Network Bridging in Contentious Politics: Digital Media Use of Protest Participants. *Mobilization: An International Quarterly*, v. 16, n. 3, p. 325-349, set. 2011.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.